ADVENTISTA ADVENTISTA

JUNHO 2020



DEPOIS...

UM EXERCÍCIO SOBRE O PERÍODO PÓS-PANDEMIA E O DESENHO DO FUTURO

MARCOS DE BENEDICTO

Vivemos na época do "pós", seja como realidade, conceito filosófico, comportamento, mero desejo ou a distorção da verdade. As palavras da moda que o digam: pós-colonial, pós-verdade, pós-humano, pós-democracia, pós-apocalíptico, pós-tudo... Isso sem falar nos "pós" mais antigos ou tão corriqueiros que nem pensamos mais neles, como pós-industrial, pós-modernidade, pós-graduação, pós-venda, pós-eleitoral... Agora o mundo se prepara para o pós-pandemia. Mas parece que, apesar da nossa experiência nessa área, ainda temos dificuldade de lidar com o "pós" e as mudanças inesperadas.

Do latim *post*, "pós" é um prefixo usado em relação a um espaço, período ou evento em particular. Contrário de "antes", é sinônimo de "depois". O prefixo é o elemento que se coloca junto a uma palavra (radical) para criar um novo sentido. Quando ligamos esse prefixo "pós" à realidade diante de nós, como fica o cenário? No seu caso, como será seu período "pós"? Como será o "pós" da igreja, tema de capa desta edi-

ção? É difícil falar em "pós-pandemia" quando tantas pessoas ainda estão morrendo, mas esta reflexão visa inspirar esperança, não relaxar os cuidados nem minimizar a dor das pessoas.

Há quem acredite que o vírus apressou o futuro, pois uma pandemia tem o poder de acelerar a história, e há quem defenda que ele fez o mundo retroceder, já que perdemos riquezas. O fato é que inúmeras análises pós-pandemia apostam que a realidade não será mais a mesma, algumas mais óbvias: a cadeia de suprimentos será alterada,

O PREFIXO "PÓS"
QUE DEUS AGREGA
À NOSSA VIDA
TEM O PODER
DE ALTERAR
O SENTIDO DO
NOSSO FUTURO



o comércio será reconfigurado, crescerão o home office e o ensino a distância, o contato humano será minimizado, os hábitos de consumo serão alterados, aumentará a proteção social, as empresas de alto lucro serão pressionadas a doar mais, menos será mais e aumentará o controle sobre as liberdades individuais. Queiramos ou não, o vírus já causou uma mudança.

No entanto, será que as coisas serão mesmo diferentes? Teremos vida mais simples, evitaremos viagens desnecessárias, teremos conexões humanas mais autênticas, pensaremos no impacto ambiental, cuidaremos dos mais vulneráveis, seremos mais resilientes, serviremos melhor a Deus?

Às vezes, depois de uma situação de terra arrasada, temos dificuldade de lidar com o "pós" e visualizar o que vem depois. Contudo, a Bíblia sempre apresenta um bom "pós", ainda que leve tempo. No pós-dilúvio, Noé soltou uma pomba e depois ela voltou com um ramo de oliveira, sinalizando um novo começo. No pós-êxodo, o povo passou pelo deserto e depois chegou à terra prometida. Na sua póscalamidade, Jó teve a certeza de que o Redentor vive e que ele ainda veria a Deus. No pós-exílio, o povo deveria buscar a Deus de todo o coração e Ele o ouviria. No pós-cruz, Cristo veria o resultado do Seu trabalho e ficaria feliz. No pós-caos, Deus assegura que surgirá um novo planeta.

Você perdeu alguém, o emprego, a saúde, a fé ou a dignidade? Pois saiba que depois do vírus vem a vacina, depois do isolamento vem o abraço, depois da seca vem a chuva, depois da chuva vem o sol, depois do pecado vem a santidade, depois do lamento vem o louvor.

Muitos cenários imaginários para o pós-pandemia não passam de especulação. Mas a Palavra delineia um quadro positivo. O prefixo "pós" que Deus agrega à nossa vida tem o poder de alterar o sentido do nosso futuro.

MARCOS DE BENEDICTO é o editor da Revista Adventista



№ 1358 Junho 2020 Ano 115

Publicação Mensal - ISSN 1981-1462

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil

"Aqui está a paciência dos santos: Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus." Apocalipse 14:12

Editor: Marcos De Benedicto

Editores Associados: Márcio Tonetti e Wendel Lima

Conselho Consultivo: Ted Wilson, Erton Köhler, Hiram Kalbermatter, Marlon Lopes, Alijofran Brandão, Leonino Santiago, Marlinton Lopes, Maurício Lima, Moisés Moacir da Silva, Sérgio Alan Caxeta e Stanley Arco

Projeto Gráfico: Eduardo Olszewski Ilustração da Capa: Adobe Stock

Adventist World

Adventist World é uma publicação internacional produzida pela sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia e impressa mensalmente na África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Brasil, Coreia do Sul, Estados Unidos e México v. 16. nº 6

Editor: Bill Knott

Editores associados: Lael Caesar, Gerald Klingbeil, Greg Scott

Editores-assistentes: Sandra Blackmer, Stephen Chavez, Costin Jordache, Wilona Karimabadi (Silver Spirng, EUA); Pyung Duk Chun, Jae Man Park, Hyo-Jun Kim (Seul, Coreia do Sul)

Tradutora: Sonete Costa

Arte e Design: Types & Symbols

Gerente Financeiro: Kimberly Brown

Gerente Internacional de Publicação: Pyung Duk Chun

Gerente de Operações: Merle Poirier

Conselheiros: Mark A. Finley, John M. Fowler, E. Edward Zinke

Comissão Administrativa: Si Young Kim, Bill Knott, Pyung Duk Chun, Karnik Doukmetzian, Suk Hee Han, Yutaka Inada, German Lust, Ray Wahlen, Juan Prestol-Puesán, G. T. Ng, Ted N. C. Wilson



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Rodovia Estadual SP 127 – km 106 Caixa Postal 34; CEP 18270-970 – Tatuí, SP

Caixa Postal 34; CEP 18270-970 – Tatuí, SP Fone (15) 3205-8800 – Fax (15) 3205-8900

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE LIGUE GRÁTIS: 0800 9790606

LIGUE GRAITS: 0800 9/90606 Segunda a quinta, das 8h às 20h Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h

Diretor-Geral: José Carlos de Lima Diretor Financeiro: Uilson Garcia

Redator-Chefe: Marcos De Benedicto

Gerente de Produção: Reisner Martins

Gerente de Vendas: João Vicente Pereyra

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

As versões bíblicas usadas são a Nova Almeida Atualizada e a Nova Versão Internacional, salvo outra indicação.

Exemplar avulso: R\$ 2,96 \mid Assinatura: R\$ 35,50

Números atrasados: Preço da última edição



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

SUMÁRIO



12

Tempo de oportunidades

As mudanças na atuação da igreja na fase pós-pandemia



16

O Jesus acolhedor

A atitude do Salvador ao defender os excluídos



22

Quem somos

A identidade e o propósito do povo adventista



24

Fé bem alicerçada

O jovem que questionou as doutrinas da sua denominação e saiu mais fortalecido



26

Embora os ventos soprem...

O templo precário que resistiu a uma grande tempestade



44

O paradoxo das pandemias

Saiba por que os grandes surtos de doenças do passado aceleraram a expansão do cristianismo

- 2 EDITORIAL Depois...
- 4 CANAL ABERTO A opinião de quem lê
- 5 BÚSSOLA EPIs espirituais
- **6 ENTREVISTA** Sensível à dor
- 8 PAINEL
 Datas, números, fatos, gente, internacional
- 18 IGREJA Todos são bem-vindos
- **20 TESTEMUNHOS**Sem exceção
- **28 SOCIEDADE**O fator educação

- **30 DEVOCIONAL**De guem é a luta, afinal?
- **32 BEM-ESTAR** Álcool e gravidez
- **33 BOA PERGUNTA**A singularidade da vida
- 34 NOVA GERAÇÃO
 Conecte-se, adore, cresça
- **35 PRIMEIROS PASSOS**Escola de amigos
- 36 PERSPECTIVA

 O culto não será mais o mesmo
- 37 RETRATOS

 Na rota do tornado

- 38 INTERNACIONAL Período de crescimento
- 39 EDUCAÇÃO Classe virtual
- **40 SOLIDARIEDADE** Resposta à crise
- 42 MEMÓRIA

 Dormiram no Senhor
- 48 EM FAMÍLIA Menos sexo
- **49 ESTANTE**Pesquisa aplicada à vida
- **50 ENFIM**Efeito positivo

5842/41944

SETE TACAS

A matéria de capa de maio não podia ser mais oportuna, ao tecer uma relação entre as dez pragas do Egito e os sete últimos flagelos de Apocalipse 16, no contexto da Covid-19. O artigo nos faz pensar em que momento estamos da história. Até a pandemia, grandes acontecimentos escatológicos pareciam pontuais e discretos, a



ponto de nos acostumarmos com eles ou até mesmo desprezá-los. Porém, a crise atual é diferente, já que o alcance é planetário. Mexe com o bolso de todas as classes sociais, faz sofrer, humilha e mata. O objetivo de Deus ao permitir esses eventos catastróficos é despertar o mundo para a prioridade de Seu senhorio, Seu amor, Sua santa lei e para maiores hecatombes que virão.

Manel Xavier de Lima / Engenheiro Coelho (SP)

A PANDEMIA E AS MULHERES

Parabéns, amigos! Esse *podcast* ficou extraordinário! Ele abriu minha mente para a realidade dos desafios enfrentados por mães, esposas e donas de casa. Continuem produzindo mais conteúdos como esse. Já fiquei fã do canal de vocês.

Isaac Santana / Via Twitter

FAKE NEWS

Acabei de ouvir pela primeira vez o podcast da Revista Adventista e fui logo acompanhar o episódio sobre as fake news. Excelente conteúdo! Parabéns pela iniciativa de informar nosso público da igreja, que sofre com tantas notícias falsas enviadas por meio das mídias sociais e do WhatsApp. Esse podcast pode ser um meio de resgatar as mentes sequestradas por essa onda de desinformação que vem de todos os lados. Vou indicar o material para meus contatos.

Enio Scheffel Jr. / Tatuí (SP)

O episódio sobre o fato de as *fake news* fazerem sucesso no mundo religioso (acesse aqui: bit.ly/2wa5vX8) trouxe bons esclarecimentos. Minha

sugestão é que continuem a abordar esses temas atuais, para que nosso povo se conscientize e entenda que internet é coisa séria.

Leonara Gomes dos Santos / Via site

A QUE IGREJA VOCÊ PERTENCE?

Oportuna essa matéria de maio. Entre as muitas respostas à pergunta do título, poderíamos pensar em: pertenço à igreja de Cristo, à do pastor ou à de fulano. Em tempo de pandemia, no qual vêm à tona todos os desejos, sonhos e comportamentos, me lembrei da palavra caráter e de que o caráter é formado mediante hábitos positivos ou negativos. Cristo deu o exemplo de bondade e amor, que devemos expressar ao mundo. Caso contrário, viveremos como ermitões, enclausurados e com a tendência a morrer na solidão.

Erivaldo de Oliveira Lima / São Paulo (SP)

O DEUS INCONTAMINADO

Entre os ótimos assuntos trazidos pela querida *Revista Adventista* em maio, destaco o artigo escrito por Emanuel Elias. Embora em linguagem acadêmica, a matéria contém verdades que merecem profunda reflexão. Compartilho também da opinião do leitor Winston Basílio, publicada em maio, a respeito dos "comentaristas de plantão" na seção Canal Aberto. A mudança para melhor foi percebida na última edicão.

Edison Mendes / Limeira (SP)

15 ANOS COM A REVISTA

Inicei minha história de amor com a *Revista Adventista* exatamente há 15 anos, quando ela completava 100 anos de existência, abençoando a igreja. Nesse tempo, minha admiração por esse periódico foi sendo ampliada. Pela graça de Deus, posso afirmar que minha carreira cristã foi ricamente fortalecida por esses mais de 180 exemplares lidos de capa a capa até o momento. Tenho, por exemplo, me deleitado com as histórias trazidas pelo pastor Dick Duerksen. Foi inspirador o relato de abril acerca do testemunho de Randy, o capelão da prisão.

Rodrigo Nogueira de Araújo / Senador Guiomard (AC)

ELLEN WHITE DE QUARENTENA

Achei linda a reflexão escrita pelo pastor Hélio Carnassale no *site* da *Revista Adventista* (bit.ly/2z3VL1H) a respeito de como Ellen White lidou com uma das últimas pandemias do século 19. Os momentos difíceis, assim como todos os momentos, sempre estão sob o controle de Deus. Nosso foco deve ser manter nossa atitude de oração e serviço. É o que podemos aprender com nossos estimados pioneiros. Portanto, nada de pânico, e sim oração e serviço!

Rafael Souza / Via Facebook

clareza ou espaço.

Expresse sua opinião. Escreva para ra@cpb.com.br. ou envie sua carta para *Revista Adventista*, caixa postal 34, CEP 18270-970, Tatuí, SP.
Os comentários publicados não representam necessariamente o pensamento da revista e podem ser editados por questão de



uso de EPIs está em alta. Essa sigla praticamente desconhecida começa a fazer parte de nosso vocabulário. Os "equipamentos de proteção individual" não surgiram para enfrentar a Covid-19, mas são usados para proteger trabalhadores em situações normais de risco. São óculos, capacetes, botas e outros equipamentos. Já na atual pandemia, os profissionais de saúde e a população em geral passaram a depender de escudo facial, máscara, luvas e álcool em gel.

Na guerra contra os poderes espirituais do mal, também precisamos usar um EPI espiritual, que Paulo descreve como a "armadura de Deus" (Ef 6:12-17), com base na vestimenta dos soldados romanos. Suas peças cobriam todo o corpo, pois uma cobertura parcial certamente levaria à derrota. Por isso, o apóstolo apelou para usarmos "toda a armadura".

- Cinto da verdade. Era usado para firmar a túnica dos soldados, evitando que ela dificultasse movimentos rápidos. A verdade nos motiva a permanecer firmes e deixar tudo que atrapalha na luta contra o mal. Trata-se de um chamado à integridade, fazendo o que é certo, não o que é fácil.
- Couraça da justiça de Cristo. Era feita de couro e usada sobre o peito para proteger os órgãos vitais. Ela nos convida a guardar o coração, pois, segundo Ellen White, "o poder de Satanás hoje para tentar e enganar é dez vezes maior do que nos dias dos apóstolos" (Spiritual Gifts, v. 2, p. 277). Ele nos tenta de

ASSIM COMO OS
PROFISSIONAIS DE SAÚDE
E A POPULAÇÃO PASSARAM
A DEPENDER DE ESCUDO
FACIAL, MÁSCARA, LUVAS
E ÁLCOOL EM GEL, NÓS
TAMBÉM TEMOS QUE
USAR O EQUIPAMENTO
DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL
PROVIDO POR DELIS

todas as maneiras. Para resistir, precisamos diariamente trocar nossa própria couraça pelo manto da justiça de Cristo. Somente ele é invulnerável.

■ Calçados do evangelho da paz. Os soldados romanos usavam sandálias com pregos, que as firmavam no chão durante o combate. Essa analogia é uma lembrança de nosso chamado a sair, compartilhar o evangelho e conquistar aqueles que o Senhor já preparou. O envolvimento com

a missão aumenta a proteção, pois Deus está ao nosso lado.

- Escudo da fé. Paulo se referia a um grande escudo capaz de proteger todo o corpo contra as flechas de fogo, uma das armas mais perigosas da época. Hoje, a fé "detém as flechas da tentação, antes que se tornem pecado" (Comentário Bíblico Adventista, v. 6, p. 1161). O escudo também era elemento de ataque. Quando os soldados formavam um batalhão, com escudos por todos os lados, tinham grandes chances de vitória. O mesmo acontece com a igreja quando está unida.
- Capacete da salvação. Ele protegia a cabeça, o alvo principal na batalha. A mente humana também é o alvo central do grande conflito. "Os que não querem cair presa dos enganos de Satanás devem guardar bem as vias de acesso à mente; devem-se esquivar de ler, ver ou ouvir tudo quanto sugira pensamentos impuros. [...] Pois de outra maneira os males externos despertarão os internos, e a pessoa vagará em trevas" (Atos dos Apóstolos, p. 291).
- Espada do Espírito. A espada era a arma mais importante de um soldado na batalha, assim como a Palavra de Deus é mais poderosa do que as armas de Satanás. Ela pode ser usada defensivamente para nos proteger dos ataques do inimigo, e ofensivamente para destruir as estratégias do mal. Mas, se ficar empoeirada, a vida correrá risco. Não é possível gastar horas na internet e depois ler a Bíblia por minutos, esperando receber forças para a batalha.

Paulo concluiu com a tão esperada vacina contra o vírus do mal: "orem em todo o tempo" e "com todo o tipo de oração" (Ef 6:18). Nessa batalha, "ninguém, sem oração, se encontra livre de perigo durante um dia ou uma hora que seja" (O Grande Conflito, p. 530).

ERTON KÖHLER é presidente da Igreja Adventista para a América do Sul De uma comunidade rural no município de Sagunto, região de Valência, o pastor aposentado Roberto Badenas acompanhou as notícias do impacto devastador da pandemia em algumas regiões da Europa, especialmente em sua terra natal, cenário de muitas imagens que comoveram o mundo. Apesar de estar no grupo de risco e viver num dos

SENSÍVEL À DOR

PASTOR E ESCRITOR ESPANHOL FALA DE COMO PODEMOS AJUDAR AS PESSOAS A LIDAR COM A FACE MAIS CRUEL DA PANDEMIA países mais afetados pela Covid-19, ele não foi atingido pela doença, mas viu os efeitos dela chegarem bem perto. Nesta entrevista concedida por e-mail, ele fala sobre a reação da igreja à crise na Europa, a importância do ministério do consolo e a busca por significado na região como oportunidades para dar vida novamente à religião institucional no Velho Mundo.



Que leitura o senhor faz do cenário da pandemia?

> O que a crise do novo coronavírus deixou claro é onde nossas sociedades têm suas prioridades. Quando comparamos a imensa quantidade de dinheiro que alguns países gastam em armas, preparando-se para destruir a vida de outros seres humanos considerados potencialmente inimigos, com a quantidade insignificante que eles dedicaram até agora para proteger a vida de seus cidadãos em emergências como essa, não temos dúvida de que a solidariedade humana é limitada.

De que maneira a igreja no Velho Mundo reagiu ao impacto da Covid-19? > Como esperado, a igreja respondeu com muito apoio e compaixão, estabelecendo um exemplo de comportamento cívico em muitos casos. Esse é o grande testemunho que se espera dos cristãos nessas circunstâncias.

É natural que, em um evento dessa magnitude e alcance, a interpretação dos sinais do fim esteja no centro do interesse da igreja e domine nossas reflexões teológicas. Mas este é igualmente um momento oportuno para compartilharmos a visão bíblica sobre a morte, com toda a sensibilidade que o tema e o momento exigem?

Na face mais sombria da realidade, nosso dever é fazer todo o possível para que o muro da morte não se torne para algumas pessoas sua única expectativa. O efeito colateral positivo mais imediato do sofrimento é a capacidade que ele nos dá de entender a dor dos outros. Nossa sensibilidade à dor deve reforçar nossa fé no valor sagrado do ser humano (Jo 3:16) e nos ajudar a compartilhar o plano misterioso de Deus de reconstruir vidas, mesmo as mais brutalmente destruídas.

Como consolar famílias que tiveram que lidar com a dor de um luto sem despedida?

> Essa é uma das piores tragédias dessa pandemia. Não há dor pior do que aquela que é sofrida em completa solidão. A assistência, especialmente se for acompanhada pela luz da esperança em outra vida, pode tornar suportável até a mais dolorosa despedida. É possível enfrentar tudo quando se tem a certeza de ser totalmente compreendido e amado por Deus, e que os sofrimentos atuais são temporários. Esse é o momento de mostrarmos solidariedade e compartilhar nossa mensagem.

A pandemia já tem levado as pessoas a se reaproximarem da religião institucional no contexto secular europeu?

Nessas provações extremas há uma necessidade vital de encontrar a paz da alma, e isso é experimentado por pessoas secularizadas tanto ou mais que qualquer outra pessoa. Ajudemos aqueles que ainda debatem nas trevas da dúvida a manter abertas as janelas da alma à luz da fé.

O senhor vislumbra algum tipo de mudança no adventismo europeu pós-pandemia?

Ainda é cedo para responder. Não sabemos que direção os eventos podem tomar nesta Europa complexa e secularizada. Mas não tenho dúvidas de que este momento é uma oportunidade de ouro para nós, crentes, individualmente e como membros da igreja, nos perguntarmos sobre nossas prioridades e nossa missão neste mundo.

②



FATOS

REPATRIAÇÃO DE BRASILEIROS



No dia 12 de maio, teve fim a espera de um grupo de 50 estudantes da **Universidad Peruana Unión (UPeU)** que estavam com dificuldades de voltar ao Brasil depois que as fronteiras do país vizinho foram fechadas por causa da pandemia. O apoio da deputada estadual Damaris Moura e do escritório jurídico da sede sul-americana da Igreja Adventista também foi importante para a repatriação de 40 alunos da **Universidad Adventista del Plata** (Argentina) e de 44 brasileiros que participavam de um projeto missionário em **Guiné-Bissau**, na África.



MADE IN ARGENTINA

No **Hospital Adventista del Plata**, o departamento de eletromedicina desenvolveu dois aparelhos que emitem raios ultravioleta, a fim de ajudar na **desinfecção dos ambientes**. Construído por um time de quatro engenheiros e um técnico, um dos instrumentos foi projetado para ser usado em salas vazias e o outro para ser operado por um funcionário. Os raios ultravioleta são prejudiciais para a pele e olhos humanos, mas têm o poder de eliminar vírus e bactérias do ambiente.



REDE DE APOIO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que uma em cada 88 crianças apresente traços de **autismo**. Só no Brasil são 2 milhões de pessoas com o diagnóstico. Foi com o objetivo de atender esse grupo que surgiu a **Rede de Apoio à Família Autista (RAAFA)**, que já presta assistência a mais de 500 pessoas e tem representantes no Canadá e no Chile. Em uma entrevista ao Portal Adventista, Keiny Goulart e Marlon Bruno, idealizadores do projeto, explicaram que tudo começou depois que o filho deles, na época com dois anos de idade, foi diagnosticado com o problema.

CONSULTORIA FINANCEIRA

As medidas de isolamento para conter a disseminação do novo coronavírus causaram um impacto direto especialmente nos pequenos negócios. Tendo essa realidade em vista, a Associação Adventista de Empresários e Profissionais Liberais da Espanha tem prestado consultoria gratuita às



empresas mais atingidas. Os seminários transmitidos pelo aplicativo Zoom tratam de temas como redução de custos, digitalização dos negócios, medidas trabalhistas em meio à crise e novas oportunidades para empreender.



daqueles que fazem parte da chamada **geração Z** sentem que sua vida não parece tão interessante quanto a de pessoas que eles seguem nas mídias sociais, índice maior do que nas gerações anteriores, de acordo com um estudo sul-americano realizado pela Getty Images, em parceria com a YouGov, empresa de pesquisa de mercado global.

5 DE JUNHO

Em comemoração aos **25 anos do Ministério da Mulher** na América do Sul, nessa data o departamento irá incentivar a participação da ala feminina da igreja em ações missionárias, transmitindo um programa especial ao vivo pela internet. Será possível acompanhar o evento **on-line**, a partir das 20h, nos seguintes endereços: youtube.com/adventistasoficial e fb.com/adventistasbrasiloficial.

3 E 4 DE JULHO

Nessa data ocorrerá o lançamento oficial do "I Will Go" (Eu Irei, em tradução livre), nome do novo programa de trabalho da sede mundial da igreja para os **próximos cincos anos**. Líderes e membros da denominação ao redor do mundo poderão acompanhar a transmissão pela internet. Acesse: iwillgo2020.org.

905.341

foi o número de batismos realizados pela Igreja Adventista nos últimos cincos anos na **América Central**.



É UTI. A luz não apaga, bipes soam, exames e medicações diárias. O diagnóstico impactante: Covid 19.

Não importam seus conhecimentos sobre medicina, história da humanidade ou acerca do fim do mundo. O fim pode ser somente seu! Retrospectiva da própria vida e muito pelo que agradecer. Saudade profunda dos que talvez não poderá rever e tristeza pela possível ausência em eventos marcantes da história das duas filhas. Entrega da vida a Deus para manter a serenidade. Profissionais iluminados por Ele lhe garantem a continuidade da existência.

Gratidão eterna não apenas pela vida, mas pelo cuidado de Deus sem merecer.





Jean Reis, 59 anos, é maestro e violinista e vive em São Paulo. Foi assim que ele descreveu, em tom poético, os oito dias em que permaneceu na UTI, num quadro clínico de gravidade intermediária, sem precisar de ventilação mecânica.

EVENTOS



DIVULGAÇÃO DO CRIACIONISMO

Com o objetivo de capacitar os membros dos vários núcleos da **Sociedade Criacionista Brasileira (SCB)** espalhados pelo país, a entidade realizou uma programação *on-line* nos dias 11 a 15 de maio. As palestras da semana intitulada "Expansão Criacionista" estão disponíveis no seguinte endereço: bit.ly/3fYPXHI.



ALCANCE EXPRESSIVO

Transmitida na **Romênia** nos dias 25 de abril a 3 de maio, a série evangelística intitulada "Transforme a Pandemia em Esperança" alcançou 45 países e teve audiência de 7 mil pessoas, em média, a cada noite, e de 150 mil na data do encerramento. Nesse período, o **site** oficial da sede adventista romena foi acessado por 75 mil novos visitantes e registrou quase 3 milhões de visualizações de página.

203.7

toneladas de alimentos foi o montante arrecadado pela campanha promovida pela igreja no Chile. As doações foram transformadas em mais de **14 mil cestas básicas** destinadas às famílias mais vulneráveis à crise financeira.

PRESTÍGIO NACIONAL

Reynold Gilson é um empresário bemsucedido em Melbourne. Austrália. Mas foi como músico que ele recebeu uma das mais prestigiadas condecorações atribuídas pelo governo do país: a Medalha da Ordem da Austrália (OAM, na sigla em inglês). Desde

1987, ele lidera a Advent Brass Band, banda fundada por seu avô em 1925.

FIM DE CARREIRA

Little Richard. nome artístico do ex-astro de rock que se converteu ao adventismo no auge da carreira musical, morreu no dia 9 de maio, aos 87 anos, vítima de câncer. No fim dos anos 1950, surpreenden-



temente ele abandonou os palcos para estudar Teologia na Universidade de Oakwood (EUA). Porém, ao que se sabe, nunca chegou a receber o diploma nem foi ordenado ao ministério adventista. Apesar disso, Little Richard, cujo nome real era Richard Wayne Penniman, cantou e testemunhou para grandes auditórios nas conferências organizadas pelos evangelistas Harold Cleveland, E. C. Ward e G. H. Rainey. Apesar de ter se afastado da igreja em alguns períodos, ele passou seus últimos anos na fé que abracou na juventude. O cantor foi sepultado em 20 de maio no Cemitério Oakwood Memorial Gardens, em Huntsville, Alabama, com a presença de 150 pessoas, entre familiares, amigos, pastores, líderes da universidade adventista, músicos que dividiram o palco com ele e jornalistas.

ASSASSINADO NA RÚSSIA

O pastor Alexander Ostankin passou as duas últimas décadas plantando e pastoreando igrejas numa das regiões mais remotas do mundo, a Sibéria. Por essa razão, ele foi um dos primeiros a estabelecer a presença adventista nessas terras geladas. Recen-



temente, durante uma visita pastoral, o ministro de 46 anos foi assassinado. Ele deixa a esposa, Oksana, e três filhos.

pães foram doados pela **Productos Unión**, empresa adventista de alimentos peruana, para serem distribuídos pela ADRA no país.

OLHAR DIGITAL



NOVOS CONTEÚDOS

Além de um **boletim** sobre as ações da igreja ao redor do mundo (bit.ly/3fQlcEM), a Revista Adventista tem produzido um podcast semanal (bit.ly/3g20K1W). Disponível em várias plataformas de compartilhamento de áudio, o canal já tratou de temas como o impacto da pandemia sobre as mulheres, apoio aos enlutados e a atuação da igreja na periferia das cidades mais afetadas pelo novo coronavírus. Para se cadastrar e receber notificações toda vez que um novo episódio for publicado, acesse: spoti.fi/3dTLRyl.

DISPONÍVEL PARA DOWNLOAD

A CPB tem possibilitado o acesso gratuito a diversos conteúdos, incluindo a versão em PDF das licões da Escola Sabatina. liberada semanalmente (bit.ly/36dSMjQ). Outra novidade é a edição especial da revista Sinais dos Tempos. O material, adaptado da Signs of the times, publica-



da pela Pacific Press, apresenta informações sobre a Covid-19, fala sobre prevenção e fortalecimento do sistema imunológico, responde a perguntas relacionadas aos sinais do fim do mundo e mostra como as pessoas podem enfrentar a crise com confiança. Acesse: bit.ly/2AFIZXZ.

INFLUÊNCIA DIGITAL

De sua casa, em Joinville (SC), a jovem Brenda Matos (@mbrendamatos), de 21 anos, tem compartilhado diariamente mensagens bíblicas com milhares de internautas. O perfil dela no TikTok, aplicativo de vídeos curtos que se popularizou ainda mais durante a quarentena, já registra 62 mil



seguidores e 600 mil curtidas em pouco mais de um mês de existência.

otos: Adventist Record / Asia Division / Ravi Zacharias International Ministries / Olinda Matos

INTERNACIONAL

VISÃO RESTAURADA



Estima-se que cerca de 12 milhões de pessoas sofram de **catarata na Índia**. Mas uma parceria entre o ministério norte-americano "Now Eye See" e Jacob Prabhakar, oftalmologista adventista indiano, tem ajudado a reduzir esse número. Graças a esse trabalho, todos os anos cerca de **10 mil pessoas** voltam a enxergar. Para atender um número maior de pacientes, foram desenvolvidos métodos inovadores e mais baratos. Cada procedimento leva menos de 90 segundos e custa aproximadamente 75 dólares, incluindo o valor da cirurgia, das novas lentes de reposição, dos suprimentos médicos descartáveis e do transporte até o hospital.



ABUSO SEXUAL

Por mais que o tema esteja presente na agenda da igreja desde o fim dos anos 1980 e, mais recentemente, tenham surgido programas como o Quebrando o Silêncio, os adventistas esperam tomar medidas mais concretas no combate ao abuso sexual. Para tanto, a liderança mundial da denominação iniciou um processo de **desenvolvimento de uma abordagem mais ampla e de protocolos mais claros** de como lidar com as vítimas e os agressores. Por 95 votos a 1, os delegados do **Concílio Anual**, realizado por videoconferência em abril, decidiram seguir em frente com a formulação de políticas mais amplas nessa área.



50 ANOS DE ESCAVAÇÃO

Foi o que comemorou uma equipe de arqueólogos adventistas na **Jordânia**. Há meio século, o grupo de pesquisadores das universidades La Sierra, na Califórnia, e Andrews, no Michigan, se dedicam a desenterrar a história em três sítios arqueológicos que integram o Projeto Madaba Plains: Tall Hisban, Tall al-'Umayri e Tall Jalul.



Essa foi a magnitude do **terremoto** que atingiu Zagreb, capital da **Croácia**, em 22 de março. Foi o tremor de terra mais forte a atingir o país em 140 anos. O escritório da Associação Croata da Igreja Adventista, o templo central e vários apartamentos pastorais foram danificados.

PREMIAÇÃO NACIONAL

Um programa produzido pela igreja na **Mongólia** levou o título de melhor **conteúdo infantil** para o **rádio** em um concurso nacional. O reconhecimento rendeu à emissora Khemnel, administrada pela sede da denominação no território mongol, o prêmio de 3,6 mil dólares.



5.120

É o número de membros que tinha a **União do Oriente Médio** e **Norte da África** em 31 de dezembro de 2019.

Colaboradores: Ally Zapara, Andrew McChesney, Ashley Blake, Daniel Brinzan, John Hammond, Libna Stevens, Márcio Tonetti, Marcos Paseggi, Mark A. Kellner, Mauren Fernandes, Rosmery Sánchez Calleja e Wendel Lima



pandemia do novo coronavírus tem desafiado significativamente a religião e suas práticas, como o culto, a vivência comunitária, o ensino, a pregação e também a missão. Apesar de ninguém saber exatamente como a sociedade se reorganizará depois dessa primeira onda, líderes que atuam em vários segmentos da sociedade já começam a planejar os próximos passos. E a Igreja Adventista deve estar atenta à condução de Deus e preparada para aproveitar esses movimentos.

De dimensões sem precedentes, nos tempos modernos, essa pandemia levou a uma reconfiguração do cotidiano, marcada pelo distanciamento social e a quarentena de boa parte da população. Por causa desse esforço inicial de conter o avanço do vírus e evitar um colapso do sistema de saúde, todas as dimensões da vida foram afetadas, como o trabalho, a educação, o lazer e a religião. Com os templos fechados, as igrejas tiveram que se "reinventar".

A realização de cultos via internet talvez tenha sido a mudança mais emblemática dessa "reinvenção". Segundo uma pesquisa divulgada no fim de abril pelo Pew Research Institute, 91% das igrejas norte-americanas fecharam as portas para o público. Porém, 80% dos cristãos assíduos entrevistados disseram que suas congregações estavam transmitindo o culto pela internet ou TV, e 57% desses adultos estavam acompanhando essa programação.

Contudo, a quarentena não teve impacto somente nos cultos, mas também na coleta de dízimos e ofertas, reuniões de oração, nos estudos bíblicos, concertos musicais e nas mobilizações missionárias. Até velórios e batismos tiveram que ser adaptados. No geral, as igrejas tiveram que se apresentar na internet, abraçar as mídias sociais, arriscar mudanças inovadoras e encarar o resgate de sua essência.

SINAIS DA MUDANÇA

Uma das explicações para a religião é o fato de ela ser um fenômeno social relacionado ao seu contexto, tanto como causa quanto consequência. Portanto, diante da realidade atual e das projeções para o "novo normal", quais elementos de um futuro próximo deveriam chamar a atenção da igreja para novas possibilidades de testemunho?

1. Afeto e intimidade

Neste período de pandemia, deixaram de existir para muitas pessoas a distância e a falta de tempo que roubavam a oportunidade ou serviam de desculpa para que familiares e amigos não convivessem. Ao permanecerem confinadas juntas, as famílias tiveram que encarar suas dificuldades e questões não resolvidas, optando ou não por alimentar o afeto e desenvolver maior intimidade.

De acordo com os portais de notícias G1 e BBC Brasil, a metrópole chinesa Xi'am registrou um aumento drástico de divórcios devido ao confinamento. E no Brasil, bem como em outras partes do mundo, o longo período de quarentena tornou ainda mais vulneráveis as mulheres vítimas de violência doméstica. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a Polícia Militar paulista, por exemplo, registrou o crescimento de 45% no número de atendimentos em março de 2020 em relação a março de 2019.

12 Revista Adventista // Junho 2020



2. Solidariedade e vulnerabilidade

No contexto da pandemia, muitas iniciativas de solidariedade têm demonstrado o melhor do ser humano. Desprendimento, sacrifício e amor ao próximo marcaram muitas ações voltadas, por exemplo, aos idosos, às pessoas em situação de rua e com dificuldades emocionais.

Essas manifestações de empatia em situações de crise são estudadas por pesquisadores há um bom tempo. No século passado, por exemplo, quem se debruçou sobre esse tema foi o antropólogo britânico Victor Turner, no livro *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*. Ele apontou que, em contextos de liminaridade, como desastres naturais e guerras, as pessoas podem desenvolver o que ele chamou de *communitas*, uma reestruturação das relações sociais com base na empatia. No entanto, o problema é que a maioria das pessoas volta a viver com relativa indiferença quando a situação é normalizada.

A pandemia tem testado nossa empatia e parece que o mundo pós-Covid-19 fará o mesmo também. A desigualdade social, por exemplo, tende a se aprofundar. A previsão da ONU para 2020 é de que 265 milhões de pessoas passem fome, o dobro daquelas que estavam em situação de miséria em 2019. O desemprego é outro fantasma que deve assombrar mais gente daqui para a frente. No Brasil, o número de desempregados já ultrapassa os 13 milhões e pode chegar a 40 milhões, segundo

algumas previsões. De acordo com o IBGE, o índice de desemprego já havia crescido em 14 das 27 unidades da Federação no primeiro trimestre deste ano. Em alguns estados, como o Amapá, essa taxa está em torno de 20%.

3. Longevidade

Logo no início da pandemia, os maiores cuidados se voltaram para as pessoas com mais de 60 anos de idade, faixa etária que faz parte do grupo de risco. E a crise sanitária nos fez pensar em algumas questões relacionadas aos idosos, como o acesso deles ao serviço de saúde e aos recursos tecnológicos, além do fato de como a pobreza os atinge de modo específico.

Com o aumento da longevidade no Brasil, a estimativa do IBGE é que, até 2060, de cada quatro brasileiros, um será idoso. Isso significa dizer também que, se a taxa de expectativa de vida continuar subindo, os brasileiros que hoje vivem 72 anos poderão chegar aos 77, e as mulheres saltariam de 79 para 84 anos. A previsão é que em menos de 20 anos haverá mais idosos do que crianças no Brasil.

Esse fenômeno certamente levaria a uma redefinição de quando começa a velhice, algo que já ocorre em outras sociedades mais longevas. Vale lembrar que os idosos do século 21 são pessoas ativas, que consomem, estão no mercado de trabalho e são, muitas vezes, responsáveis pelo sustento da família.

4. Sociedade virtual

Estudiosos têm observado que cada geração tem sido marcada por uma crise. Os *baby boomers* lidaram com a guerra do Vietnã; a geração X, com a epidemia da Aids; a geração Y ou *millennials*, com o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 e a crise econômica de 2008. Agora, a pandemia do novo coronavírus seria um fator definidor para a geração Z, aqueles que nasceram depois de 1995.

A crise atual deve influenciar esses jovens e futuros adultos a assumir um posicionamento político mais independente, uma postura mais inclusiva e uma atitude ainda mais criativa e empreendedora. Além disso, a geração Z deverá apresentar um engajamento maior no voluntariado.

No entanto, tudo isso acontecerá numa dinâmica diferente do passado, pois as pessoas da geração Z (12 a 25 anos) e Alpha (até 11 anos) nasceram no mundo digital. Não sabem o que é a sociedade pré-tecnologia digital. Para eles, computadores, tablets e celulares são extensões do próprio corpo e as lentes pelas quais conhecem o mundo e se relacionam com ele. Para essa moçada, as dimensões presencial e virtual são uma realidade integrada.

5. Ciência e religião

A discussão sobre os pontos de convergência e divergência entre ciência e religião não é nova. Porém, durante a pandemia, em alguns contextos mais do que em outros, o posicionamento de líderes políticos e a mobilização de movimentos negacionistas confrontaram as instruções médicas e sanitárias. Orientações sanitárias majoritárias, com base em modelos epidemiológicos, indicavam o distanciamento social como medida de prevenção.

O discurso religioso apareceu nesse contexto, muitas vezes, como argumento dos posicionamentos anticientíficos. Argumentou-se, por exemplo, que as orientações científicas deveriam ser desconsideradas e substituídas pela confiança em Deus, por meio do jejum

Revista Adventista // Junho 2020

e da oração. Essa atitude foi fortalecida pelos embates provocados por algumas igrejas evangélicas que se recusaram a aderir às medidas de distanciamento social.

6. Responsabilidade ambiental

A relação do ser humano com a natureza também foi um tópico que ficou em evidência na pandemia. Por um lado, tudo leva a crer que foi o contato de seres humanos com a carne de animais silvestres que gerou essa pandemia; por outro lado, a quarentena diminuiu a poluição de várias metrópoles e destinos turísticos, mostrando belezas naturais esquecidas ou desconhecidas (leia a página 50). Enquanto os humanos se confinaram, a natureza se revelou.

Dessa maneira, o confinamento tem nos levado a refletir sobre as consequências do consumismo sobre o planeta. Não seria essa uma chance de desenvolver novos hábitos que valorizem e protejam os ecossistemas, redefinindo nossa relação com a criação?

OPORTUNIDADES PARA A MISSÃO

Os mais pessimistas imaginam que o ser humano pós-pandemia não será muito diferente de antes. Esse grupo sustenta sua opinião com base nas epidemias anteriores enfrentadas pela humanidade, que não teriam tido um impacto significativo em mudar quem somos.

1. Sensibilidade espiritual

Um olhar otimista, no entanto, identifica oportunidades no contexto pós-pandemia. Talvez a maior delas seja a percepção de que as pessoas reavaliarão suas crenças e valores. Durante o confinamento, é provável que muitos passaram a ter mais tempo para retomar projetos e passatempos esquecidos, enfrentar dramas pessoais e refletir sobre decisões e relacionamentos. Em momentos assim, somos desafiados a avaliar a coerência da nossa cosmovisão, ficamos mais inclinados a repensar posicionamentos e a nos abrir para novos conhecimentos e experiências, inclusive religiosos.

Um contexto que foge ao controle de todos faz as pessoas se questionarem a respeito do sobrenatural. Uma evidência disso é que a pesquisa no Google sobre o termo "oração" nunca foi tão grande como agora no contexto da Covid-19. O estudo é da professora Jeanet Sinding Bentzen, do departamento de Economia da Universidade de Copenhagen, na Dinamarca. A pesquisa de Bentzen mostrou que as pessoas estão mais sen-

síveis às questões existenciais e espirituais.

Aquele levantamento divulgado pelo Pew Research Institute, já mencionado aqui, revela também que 25% dos entrevistados disseram que sua fé havia sido fortalecida nesse contexto de pandemia. Ao que parece, em tempos de crise, quando somos privados de certas facilidades e confortos, há um retorno para o que é essencial. Isso inclui equilibrar a rotina e rever a escala de valores em relação a Deus, a si mesmo e à família.

UM OLHAR OTIMISTA
SOBRE O MOMENTO
ATUAL INDICA QUE
HÁ UMA GRANDE
OPORTUNIDADE
DE REFLEXÃO,
REAVIVAMENTO E
MOBILIZAÇÃO DA
IGREJA

Esse cenário se mostra terreno fértil para uma igreja que está atenta e preparada para responder às necessidades do seu bairro e cidade. Para tanto, é importante notar que não é o fato de as pessoas se reunirem semanalmente no mesmo templo, e por muitos anos, que faz desse grupo uma igreja. A consciência do coletivo é construída por meio de relacionamentos significativos, valores em comum e o cultivo de um senso de missão que se traduz em serviço ao próximo.

2. Disposição para o serviço

Especialmente dos cristãos, espera-se que a solidariedade seja parte da sua identidade. Por isso, há uma expectativa de que as pessoas que redescobriram a alegria e o sentido da vida no serviço, continuem vivendo assim no período póspandemia. Sabemos do poder transformador desse envolvimento na missão.

Mas isso ocorre quando as pessoas entendem por missão falar de Jesus e demonstrar Seu amor, ou seja, não fazendo uma dicotomia entre servir e salvar ou entre proclamar a boa notícia e praticar as boas obras. Até porque essas duas dimensões são faces inseparáveis da mesma moeda. Por essa razão, há motivos para acreditar que, depois dessa crise, o apoio para pessoas em situação de vulnerabilidade social deverá ser uma das prioridades da nossa ação missionária.

Entre os grupos mais fragilizados por esse contexto estão os enlutados da Covid-19 e os idosos. A maior longevidade da população brasileira implicará, entre outras coisas, que as gerações passarão a conviver mais, inclusive na igreja. Pouco a pouco, percebe-se que as denominações e congregações vão dedicando mais atenção aos idosos. Porém, não basta pensar nisso apenas como um ministério específico, mas, sim, como uma visão que integre os mais experientes em todas as atividades da igreja, o que inclui a missão.

Outra oportunidade que se vislumbra em curto prazo é que as gerações mais antigas passarão a perceber melhor a dimensão virtual da vida. Durante a pandemia, ficou mais evidente que a sociedade atual é dependente, em grande medida, da internet e das mídias sociais para trabalhar, se entreter, aprender e se relacionar.

3. Uso das tecnologias digitais

Mesmo os mais céticos ou resistentes ao mundo digital foram surpreendidos com o fato de que essas novas tecnologias têm mais a nos oferecer do que eles imaginavam. Apesar de não substituir a dimensão presencial, há muito de real nos relacionamentos desenvolvidos virtualmente. Afinal, as mídias sociais não são um lugar só para

14 Revista Adventista // Junho 2020

compartilhar informação, mas, acima de tudo, para exercitar a sociabilidade.

Desmistificando o pessimismo tecnológico de alguns cristãos tradicionalistas, a igreja tem a oportunidade de promover os relacionamentos para além do templo e dos dias de culto, colaborando assim para desconstruir a ilusória divisão entre a igreja e o mundo. Olhar para essa realidade de maneira diferente ajudará as pessoas a desenvolver uma espiritualidade mais sadia e integral, que permeie todos os dias da semana e todas as dimensões da vida.

Nos Estados Unidos, pesquisas do Instituto Barna já apontavam, antes da pandemia, que mais da metade dos entrevistados da geração Y já se dividia entre a frequência a cultos presenciais e *on-line*. Além disso, 44% deles usavam a web para postar conteúdos religiosos e 41% para conversar com outros a respeito de espiritualidade.

4. Potencialização do testemunho na esfera pública

Por fim, no debate a respeito de ciência, política e religião, talvez o mais preocupante não seja a divergência de opiniões, mas o extremismo e o desequilíbrio adotado em alguns discursos. Esse tópico exige mais reflexão dos adventistas, porque de longa data temos procurado harmonizar a Bíblia e a ciência, por compreendermos que Deus tem usado essas duas fontes de conhecimento para abençoar Seus filhos.

Porém, no Brasil, especialmente os evangélicos pentecostais têm ganhado visibilidade no espaço público e na política, assumindo um discurso que nem sempre contribui para a boa reputação da fé que professam. Na verdade, muitas vezes, ao defender argumentos anticientíficos e antidemocráticos, esses grupos têm reforçado o estereótipo de que evangélicos são homofóbicos, irracionais, exclusivistas, incoerentes e machistas. Esse cenário coloca ainda mais responsabilidade sobre o testemunho cristão.

O mundo pós-pandemia oferece oportunidades para que novas lideranças espirituais surjam, levando em conta as demandas do nosso tempo e as causas dignas do nosso engajamento. Minha sugestão é que você proponha um diálogo na sua igreja, cuja pauta sejam as oportunidades de missão tratadas neste artigo. Talvez estes tópicos possam servir para vocês como ponto de partida, a fim de identificarem pontes de conexão com a comunidade.

SUA TAREFA NESTE TEMPO

Nas crises, Deus tem oferecido oportunidades para que o mundo reflita sobre sua condição, reconheça a soberania divina, decida seguir Seus caminhos e se mobilize para viver Sua vontade. Jesus, por ocasião da Sua ascensão, explicou que o estabelecimento final do Seu reino, no que se refere ao tempo, não poderia ser completamente compreendido pelos discípulos naquele momento. Talvez o mesmo se aplique a nós (Mt 24:36). Porém, tanto para os discípulos do passado como para os do presente, a tarefa mais urgente parece ser a mesma: ser testemunhas Dele "em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da Terra" (At 1:8, NVI).

A seguinte citação de Ellen White, escrita em 1902, num conselho às editoras adventistas, pode nos servir de lembrete da nossa



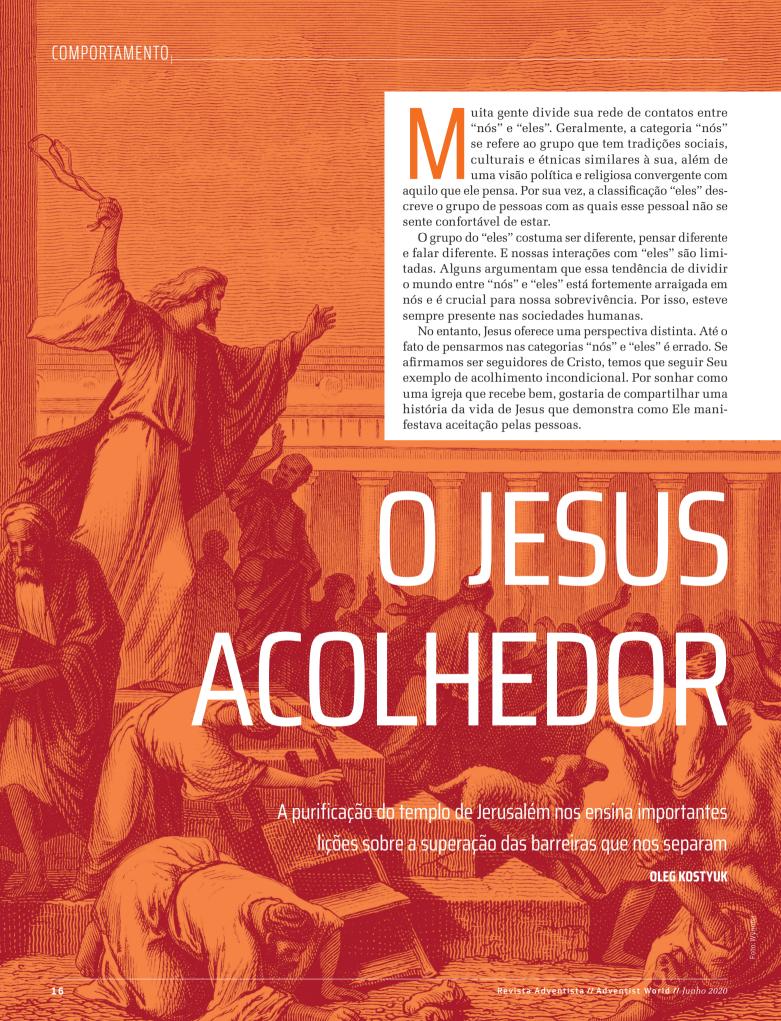
responsabilidade missionária como igreja: "Os adventistas do sétimo dia foram escolhidos por Deus como um povo peculiar, separado do mundo. Com a grande talhadeira da verdade Ele os cortou da pedreira do mundo, e os ligou a Si. Tornou-os representantes Seus, e os chamou para ser Seus embaixadores na derradeira obra de salvação. O maior tesouro da verdade já confiado a mortais, as mais solenes e terríveis advertências que Deus já enviou aos homens, foram confiadas a este povo, a fim de serem transmitidas ao mundo" (*Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 140).

Além de compreender como interpretar profeticamente o tempo atual, é importante refletir sobre esses elementos escatológicos à luz da missão. Sua sensibilidade apocalíptica só estará bem ajustada se, em tempos de crise, você se tornar uma testemunha do amor de Deus.

Como destacou o falecido missiólogo britânico Lesslie Newbigin, no livro *The Household of God* (Friendship Press, 1954), uma escatologia saudável leva à obediência missionária. Por sua vez, Ellen White, ao visitar Copenhagen, na Dinamarca, em 1886, e refletir sobre a evangelização das grandes cidades no tempo do fim, escreveu: "Se já houve um tempo em que convinha que cada pessoa que teme a Deus refletisse seriamente, este tempo é agora, quando a piedade pessoal é essencial. Deve ser feita a indagação: 'O que eu sou, e qual é minha obra e missão neste tempo?'" (*Eventos Finais*, p. 73).

Portanto, um olhar otimista sobre o momento atual indica que há uma grande oportunidade de reflexão, reavivamento e mobilização da igreja. @

MARCELO DIAS é doutor em Missiologia pela Universidade Andrews (EUA) e professor na Faculdade de Teologia do Unasp, campus Engenheiro Coelho (SP)



NO TEMPLO

Uma das ações mais dramáticas de Jesus foi a purificação do templo de Jerusalém, relato que aparece em três dos quatro evangelhos. Em Mateus, essa história está no contexto da semana que precede a crucificação de Jesus (Mt 21:12-15). Cristo havia acabado de entrar triunfantemente em Jerusalém. A Páscoa, uma das festas religiosas judaicas mais importantes, estava prestes a começar. Alguns historiadores estimam que, nesses períodos de celebração, a população de 30 mil habitantes de Jerusalém saltasse para 180 mil pessoas. E, para os judeus do 1º século, o templo era um dos lugares mais sagrados. Era onde o Céu e a Terra se encontravam.

Quando Jesus entrou em Jerusalém, a maioria das pessoas que estavam na cidade sabia pouco sobre Ele. E o grupo

que acompanhava Jesus gritava "Hosana ['salva-nos agora'] para o Filho de Davi". Aquela movimentação incomum, com o Mestre montado num jumento, pode ter levado quem estava ali para participar da Páscoa a se perguntar se aquele era o verdadeiro Messias ou apenas mais um agitador (v. 10 e 11).

FORA DAQUI!

O que Jesus fez imediatamente após entrar em Jerusalém sacudiu a cidade e as estruturas religiosas de Israel. Ele entrou no coração do judaísmo para fazer uma "limpeza". Naquela época, o templo não era apenas um edifício. Todo o complexo do monte Moriá consistia do pórtico, a praça dos gentios e o pátio das mulheres. O santuário ficava no meio desse conjunto de edificações, cuja circunferência tinha em torno de 1,6 km de comprimento.

O templo era o único lugar em que a adoração coletiva a Yahweh podia ser realizada. Por isso, precisava estar sempre ritualmente puro, o que incluía purificar tudo que era levado para lá. O problema era que apenas a "fachada" dos adoradores era pura, não o coração deles. O santuário havia se tornado o lugar em que os ricos se enriqueciam. Ali era o único lugar autorizado para vender animais para os sacrifícios. E os cambistas do templo cobravam taxas de câmbio exorbitantes na troca do dinheiro dos adoradores pela moeda do templo, feita com prata de alta qualidade.

Motivados pela ambição, alguns líderes religiosos tinham se tornado corruptos. Outros, por causa da demasiada preocupação com a pureza cerimonial, acabaram se afastando das pessoas. Descobertas arqueológicas recentes mostram que um dos bairros mais ricos de Jerusalém era o sacerdotal. Muitas de suas casas tinham vários banheiros, a fim de assegurar que esses líderes religiosos não se misturassem com pessoas comuns, que poderiam contaminá-los. Além disso, os sacerdotes usavam uma ponte exclusiva que

ligava o bairro deles ao templo. Por essa razão, faz sentido pensar que, ao purificar o templo, Jesus queria ensinar algo muito importante para aqueles que estavam envolvidos com os rituais religiosos.

ESTÁ ESCRITO

A primeira coisa que Jesus disse após expulsar os cambistas do templo foi: "Está escrito: 'A Minha casa será chamada casa de oração'; mas vocês estão fazendo dela um 'covil de ladrões'" (Mt 21:13, NVI; Mc 11:17). Aqui Jesus citou Isaías 56:7. No contexto original dessa passagem do Antigo Testamento, o texto está assim: "A Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos."

Ou seja, o templo havia sido idealizado para acolher judeus e gentios.

Contudo, o santuário era inacessível para eles, e o pátio designado aos gentios havia se transformado num mercado. Essa postura religiosa de segregação também pode ser hoje observada pelas placas de advertência encontradas por arqueólogos nos arredores do templo, que advertiam os estrangeiros de que eles não deviam se aproximar do santuário. Caso contrário poderiam ser executados. Infelizmente, o templo que havia sido idealizado como um lugar para o acolhimento, acabou se tornando um espaço de exclusão.

A atitude seguinte de Jesus foi ainda mais surpreendente. Ele curou os cegos e mancos que se aproximaram Dele no templo

(Mt 21:14). Segundo a tradição judaica, pessoas com esses tipos de deficiências não podiam entrar naquele lugar. Eles eram considerados inaptos para estar na presença de Deus. Porém, Jesus os acolheu no templo e parece ter feito questão de curá-los ali.

O Jesus acolhedor espera que Seus seguidores percebam que todas as pessoas são seus irmãos e irmãs. Somos a família humana. É por isso que somente quando ultrapassarmos as barreiras raciais, políticas, religiosas e sociais poderemos ser chamados de discípulos de Cristo. É isso que significa seguir o exemplo de Jesus e amar até o fim, como Ele fez. Essa é a única maneira de a igreja avançar.

OLEG KOSTYUK, doutor em Teologia, é um dos criadores da série audiovisual do Hope Channel intitulada Revolutionary, que trata da vida e dos ensinos de Jesus

O TEMPLO QUE
HAVIA SIDO
IDEALIZADO COMO
UM LUGAR PARA
O ACOLHIMENTO,
ACABOU SE
TORNANDO
UM ESPAÇO DE
EXCLUSÃO





COMO TORNAR SUA IGREJA MAIS ACOLHEDORA

KAREN HOLFORD

súbita chuva inglesa foi tão intensa que eu não conseguia ver para onde estava indo. Estava perdida, arrastando minha mala por uma cidade desconhecida. O mapa que eu tinha em mãos ficou encharcado e borrado. Depois, as rodinhas da minha mala ficaram presas num buraco na calçada e eu tropecei numa poça de lama. Suja, exausta e frustrada, finalmente cheguei à pequena pousada.

A porta se abriu. O anfitrião me recebeu com um sorriso, limpou minha mala e levou-a para meu quarto. "Não se preocupe, moça, estamos aqui para receber quem quer que entre pelas nossas portas, por mais desarrumado que esteja. Quando você estiver limpa e aquecida, por favor, leve sua roupa lá para baixo que lavaremos para você. Depois, pode se sentar ao lado da lareira enquanto faremos uma caneca de chá quente com limão e mel." Essa foi uma das melhores boas-vindas que já recebi.

Por isso, fiquei imaginando o que aconteceria se todos fossem recebidos tão calorosamente, todas as semanas, em cada uma das nossas igrejas. Pensei em sete pontos, os quais compartilho a seguir com você.

O ACOLHIMENTO NASCE NO CORAÇÃO DE DEUS

Toda boa recepção é motivada pela percepção do amor de Deus. Seu calor e alegria fluem

por meio do "recepcionista" da igreja para o coração do recémchegado. Quando nos concentramos na incrível graça de Deus, que nos aceita por mais complicados que sejamos, nosso coração se torna mais aberto para acolher os outros.

Jesus aceitou carinhosamente os imperfeitos como Zaqueu, a mulher apanhada em adultério, a mulher que conversou com Ele junto ao poço de Jacó, os leprosos e muitas crianças barulhentas e sujas. Se nosso coração estiver conectado ao amor Dele, também seremos capazes de aceitar todos os que são amados por Ele. O apóstolo Paulo nos aconselhou a viver assim (Rm 15:7; 12:10 e 16).

RECEBER COMO O PAI RECEBE

Uma das mais belas cenas de acolhimento da Bíblia é descrita na terceira parábola de Lucas 15, no momento em que um pai de meiaidade, devidamente vestido e asseado, corre, chorando de alegria, em direção ao seu filho caçula, que está sujo e desgrenhado. Ele

abraça o jovem que desperdiçara metade dos bens daquela família e que estava cheirando a porco. Mas o pai o acolhe, oferece a ele uma festa e demonstra que ele é tão bem-vindo naquele momento como o era quando saiu de casa.

DERRUBAR BARREIRAS

A maioria de nós tem algumas barreiras, medos e preconceitos que nos impedem de aceitar genuinamente os outros. Eu, por exemplo, sou introvertida e tenho muita dificuldade em fazer novas amizades. Por isso, para cumprimentar estranhos, sou obrigada a tomar uma decisão consciente antes de dar o primeiro passo.

E você, quais são suas barreiras pessoais e o que precisa fazer para superá-las? Sugiro que leia o Salmo 103, enumerando todas as formas pelas quais Deus manifesta amor por você. Procure olhar as pessoas à sua volta a partir da perspectiva de Deus. Deixe que o amor Dele transforme seu modo de enxergar os outros, a fim de que possa acolher o próximo.

TORNE ESPECIAL AQUELA VISITA

Pense nas oportunidades em que você se sentiu bem-vindo. Compartilhe suas impressões com outras pessoas da sua congregação e estude para descobrir como esses elementos poderiam ser implementados, a fim de aperfeiçoar a recepção da igreja. Imagine como Jesus receberia as pessoas se Ele estivesse à porta de sua igreja. Como Ele acolheria as pessoas mais idosas, as crianças, as mães com bebês, as pessoas com deficiência, os maltrapilhos e os doentes mentais?

Depois de cumprimentar os visitantes, que tal perguntar a eles como você pode tornar confortável e especial a passagem deles pela igreja? Será que eles gostariam de sentar mais discretamente ao fundo ou precisam ficar mais à frente para ver e ouvir melhor o pregador? Talvez precisem da companhia de alguém treinado que os oriente sobre a sequência do culto e o significado da liturgia.

O importante é identificar as necessidades dos visitantes e procurar atendê-las da melhor maneira. Em dias muito frios, as pessoas podem desejar uma bebida quente logo na recepção. Por outro lado, quem precisou caminhar sob um sol escaldante até o templo pode estar almejando um copo de água fresca. Nem todos que chegam ao culto no sábado de manhã já fizeram seu desjejum; portanto, podem apreciar comer alguns biscoitos integrais e uma fruta. Enfim, a ideia é estarmos atentos às necessidades físicas, emocionais e espirituais de quem chega até nós.

EXPLIQUE A SEQUÊNCIA DO CULTO

Apresente a sequência do culto todas as semanas. Os que estão liderando o serviço de adoração devem sempre dizer aos presentes quando se levantar, sentar, ajoelhar e explicar claramente o que fazer durante a cerimônia do lava-pés e Santa Ceia. Pode ser desconfortável para os visitantes se depararem

com partes inesperadas do culto, nas quais eles se percebem como os únicos que não sabem como proceder. Além disso, respeite a escolha do visitante se ele quiser apenas ficar sentado observando e talvez prefira não participar de todas as partes do culto.

NÃO SE ESQUEÇA DAS CRIANÇAS

Receba as crianças da maneira mais calorosa possível, como Jesus as recebeu, ainda que muitas delas sejam barulhentas e dispersivas. Ofereça um material de apoio para o culto, adequado para a idade delas, de modo que se sintam envolvidas no programa. Um ponto importante a lembrar é que, quando conquistamos o coração das crianças, conquistamos também seus pais. As crianças não são obrigadas a ficar quietas e em silêncio durante longos períodos, e podem achar isso angustiante. Por isso, dê as boas-vindas e forneça uma sacola de brinquedos silenciosos para elas usarem durante o culto.

O TESTE MAIS IMPORTANTE

Tenho um amigo que tem um objetivo simples com a recepção da sua igreja: que todas as pessoas que entram pelas portas a cada semana saiam do templo com a percepção clara de que são amadas incondicionalmente por Deus. E que tenham essa percepção pelo fato de terem sido bem acolhidas, pelo menos, por uma pessoa. A igreja desse meu amigo cresce porque eles levam a sério o mandamento de amar a Deus e ao próximo.

O calor das boas-vindas é praticamente irresistível. Deixe que o amor de Deus flua por seu intermédio para o coração de todos que encontrar, na igreja e na vida cotidiana. Que semana após semana novos rostos queiram aparecer na igreja para experimentar, mais uma vez, o poder do acolhimento!

KAREN HOLFORD é diretora do Ministério da Família da Divisão Transeuropeia, com sede em St. Albans, na Inglaterra

BÊNÇÃO DE UM MINUTO

Bill Knott

Eu o observava enquanto passava pelos

bancos da igreja com os olhos brilhando e um sorriso estampado no rosto. Os membros da igreja se inclinavam para a frente enquanto seu pastor se aproximava, esperando ansiosamente o conforto da sua saudação.

"Olá, como a família Knott passou esta semana?", perguntava ele enquanto se curvava sobre o banco à nossa frente, sempre olhando diretamente para mim, minha esposa e nossos dois filhos adolescentes. Ele transmitia um calor que ainda não tínhamos experimentado como recém-chegados numa congregação.

Embora passasse no máximo um minuto com cada família, nunca sentíamos que ele estivesse com pressa. Muitas vezes, quando soavam as primeiras notas do prelúdio do órgão, anunciando o início do culto, ele ainda estava inclinado sobre mais um banco, relutante em interromper sua gentileza que a tantos confortava.

E assim, na maioria dos sábados, eu participava do serviço de adoração sorrindo — não mais distraído pelos desafios não resolvidos da semana que havia passado, mas contente por estar entre pessoas que eu desejava conhecer melhor e pronto para abrir o coração ao meu Deus.

Você já imagina que lição quero ensinar: a de não se esquecer da hospitalidade (Hb 13:2). Mesmo bem depois, quando servia àquela igreja como ancião e professor da Escola Sabatina, ainda era muito importante para mim receber a saudação do meu pastor semanalmente.

Hoje, depois de alguns meses sem podermos congregar juntos, esperamos ter de volta o aperto de mão, o abraço acolhedor, o sorriso caloroso e o conforto de sentar ao lado de alguém, contatos pessoais que a tecnologia não é capaz de substituir.

Há mais de 80 anos, o teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, no livro *Life Together*, expressou ter compreendido quanto são essenciais essas experiências para nossa caminhada de fé: "A presença física de outros cristãos é para o crente uma fonte de alegria e força incomparável."

Quando essa aflição finalmente terminar, teremos uma oportunidade inigualável de transformar o lugar em que aprendemos a Palavra e adoramos juntos em santuários de bondade e companheirismo. A igreja à qual quero pertencer é acolhedora.

BILL KNOTT é pastor, doutor em História e editor da revista Adventist World



Sem exceção

HÁ UM PRINCÍPIO SIMPLES DE CRESCIMENTO DE IGREJA: TODOS PRECISAM TRABALHAR

MICHAEL RYAN

assoalho da picape Datsun azul do escritório local da igreja estava todo empoeirado e o barulho dos amortecedores do veículo indicavam que já havíamos passado por várias crateras das ruas sem pavimentação da capital daquele país.

Três pequenas congregações adventistas escondidas tinham sobrevivido ao massacre brutal que havia devastado o sul do país. Um tratado de paz negociado pela ONU tinha levado os líderes das igrejas a me convidarem para ajudar no planejamento evangelístico que seria realizado pelos membros. Naquele ambiente em que o desespero pairava no ar, eu me esforçava para lembrar que Jesus estava ali.

O seminário contou com a participação de 42 adventistas. Eles eram apaixonados pela missão. Planejaram, falaram e imaginaram a possibilidade de plantar 12 novas congregações, além do estabelecimento de um escritório da ADRA e uma estação de rádio FM. Nunca me esquecerei da pergunta inflamada que me fizeram na última tarde: "Pastor, sabemos que o Espírito Santo nos dará o poder do Céu, mas como vamos fazer tudo isso?"

Convencido de que a simplicidade seria mais eficiente, respondi: "É simples, mas não deve haver exceção. Se vocês querem que a igreja cresça, todos devem fazer algo pelo Senhor, independentemente do seu talento."

Dezesseis meses mais tarde, sentei-me numa das cadeiras do escritório daquela Missão. Tinham sido abertas 14 novas congregações, totalizando 17 igrejas na capital do país. A ADRA então ocupava um escritório no fim do mesmo corredor e, de onde eu estava sentado, eu conseguia ouvir a música cristã que era veiculada na rádio adventista local, a única emissora FM em toda a cidade.

Tudo foi um milagre. "Foi simples. Trabalhar e orar", explicou o presidente da Missão adventista. Com alegria, ele me informou que no sábado seguinte eu falaria para novos membros numa reunião campal.

No sábado de manhã, caminhei a curta distância entre o hotel e o local do acampamento. Num cruzamento movimentado, reparei um jovem que abordava rapidamente pessoa por pessoa, entregando um pedaço de papel. Pensei que fosse algum alfaiate, mecânico ou barbeiro fazendo propaganda de seus serviços.

Ele me entregou um jornal que não consegui ler imediatamente, mas reconheci o logo da Igreja Adventista. "Você é adventista?", perguntei. "Sim, há dois meses", ele respondeu. Sabendo que ainda estávamos a certa distância do acampamento, perguntei: "Por que você está aqui?" Com um inglês mal falado, ele respondeu: "Senhor, na Igreja Adventista todos têm um trabalho para Deus, todos." "Qual é a sua função?", questionei. Com um orgulho santo no olhar, ele explicou: "Senhor, eu

sou recepcionista de um quilômetro. Somos sete no total."

Rapidamente me lembrei daquela comissão de nomeações da igreja local, da qual tinha participado meses antes. Recordei das recomendações que havia dado a eles, bem como de termos nomeado diáconos, professores da Escola Sabatina, tesoureiro, líderes dos

desbravadores, entre outros oficiais. Mas não me lembrei de nenhum cargo conhecido como "recepcionista de um quilômetro".

Naquela manhã, falei para 1,2 mil pessoas. Comecei perguntando: "Poderiam ficar em pé os que estão aqui pela primeira vez por que foram convidados por um recepcionista a um quilômetro daqui?" Eu contei 28 pessoas que se levantaram. A criatividade do Espírito Santo desafia cada igreja a perguntar: qual é a nossa versão da recepção de um quilômetro? @

MICHAEL RYAN foi vice-presidente da sede mundial da Igreja Adventista

POR QUE CONTINUAMOS VOLTANDO

No início de 2020, perguntamos aos nossos seguidores nas mídias sociais se a igreja que eles frequentavam era acolhedora e de que forma aquela congregação fazia essas pessoas se sentirem bem-vindas. Seguem algumas respostas de várias partes do mundo.

"Sou recebida calorosamente pela minha congregação. Ela não permite que eu me sinta isolada. Sou tratada como um membro da família"

Sha Yan, Filipinas

"A igreja à qual pertenço vai além do simples 'feliz sábado'. Ela proporciona interações mais significativas, como perguntar a respeito da minha família, sobre meu dia a dia e o que deu certo ou não durante a semana. Sinto-me à vontade ali para compartilhar meus fracassos, minhas dores e alegrias. Oramos uns pelos outros e nos falamos com frequência." Esther. Estados Unidos

"A minha igreja permite que eu cresça espiritual e emocionalmente. Não sou a mesma pessoa que eu era quando cheguei ali. Aprendi que nada que eu faça mudará o amor que Deus tem por mim e que Ele vai me ajudar a atravessar as situações difíceis, como fez no passado. O amor de Deus reestruturou cada área da minha vida."

"Cresci numa família disfuncional. Quando tinha cinco anos de
idade, nossos vizinhos adventistas convidaram meu irmão e eu
para frequentarmos o programa
da Escola Cristã de Férias. Não
tínhamos roupas bonitas, mas
nunca vou me esquecer do modo
carinhoso com que os professores
nos receberam e nos ensinaram
muitas músicas, inclusive o hino
dos desbravadores. Tudo isso
fez com que me sentisse alguém
digno e importante."
Nii Reh, Filipinas

"Na minha igreja, os recepcionistas são simpáticos e dão boasvindas a todos. Alguns membros oferecem abraços e apertos de mão. Por causa disso, sentimos que todos fazemos parte de uma grande família."

Márcia, Estados Unidos

"Sinto-me acolhida e feliz com a maneira como as visitas e membros são tratados na minha igreja. Não há distinção entre raça, sexo, idade, nível de educação nem situação econômica. Não importa o carro que dirigem ou a quem amam, é aqui que me sinto verdadeiramente em casa."

Kathy, Maryland (EUA)

"Cantamos os hinos do hinário em três línguas diferentes para incluir todos os dialetos. Nossa pequena capela está sempre cheia. Não poderia pedir mais nada a Deus além da alegria e das bênçãos que recebo na minha igreja adventista."

Astrid, Migori (Quênia)

"Minha igreja é a mais carinhosa que já conheci. Estamos atentos para melhorar constantemente nosso modo de recepcionar os membros e visitantes. Isso inclui convidá-los para almoços e eventos, além de oferecermos um presente de boas-vindas." Carm, Virgínia (EUA)

"Não quero que ninguém pense que tenho tudo, que sempre amo minha família, meus amigos e os outros membros da igreja tão bem quanto Deus me ama. Sozinhos ou no escuro, não conseguimos amar os outros como Deus ama. Precisamos de uma comunidade. É necessário um lugar que nos receba exatamente como somos. E eu encontrei isso na minha igreja durante meu ensino médio." Roman, Flórida (EUA)

"Você pode vir à minha igreja com os seus problemas. Os membros jejuam e acompanham você em oração. Amo minha família de fé. Eles são as mãos e os pés de Cristo e fazem a diferença na minha vida."

Theresa, África do Sul

"Sinto-me bem recebido pelos sorrisos, apertos de mão e abraços calorosos. Quando não estou adorando com minha família da igreja, sinto muita falta."

Dale, Michigan (EUA)

"Todas as igrejas que frequentei foram simpáticas e me receberam calorosamente, até oferecendo oportunidades de participar da comunidade como professora da Escola Sabatina, mesmo antes de eu pedir a transferência da minha carta de membro. Minha parte é ajudar a tornar nossa igreja acolhedora, recebendo as pessoas, percebendo se estão tristes, tentando consolar corações e ajudando a resolver seus problemas financeiros. Devemos aliviar todos os fardos que pudermos. Todos querem se tornar parte de algo e todos podemos ajudar as pessoas a se sentirem bem-vindas." Kay, Estados Unidos

Quem somos



Neste tempo de crise global, é importante ter uma compreensão clara da nossa identidade e do nosso objetivo. Este artigo é para um tempo como este. Foi resumido de uma newsletter do Comitê Executivo da sede mundial da Igreja Adventista.

Ted N. C. Wilson, presidente da Associação Geral

ossa igreja é apenas mais uma igreja? O que nos distingue do restante da cristandade? O que justifica nossa existência?

Deus responde a essas perguntas. Ele nos vê no contexto do grande conflito: "Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas Daquele que os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz" (1Pe 2:9, NVI).

Essa declaração define nossa identidade e nosso propósito. Mas e o restante do mundo cristão não pode alegar a mesma coisa? Em parte, sim, mas não totalmente, e essa pequena margem faz toda a diferença.

A DIFERENÇA

Somos a igreja que apresenta a verdade em sua totalidade. Muitas igrejas levam pessoas a Jesus. Porém, se as maiores verdades para nosso tempo forem excluídas, será um evangelho incompleto. A Bíblia sempre deveria ser apresentada como um todo. É um engano misturar a verdade com o erro e, mais sutilmente, não dizer toda a verdade. Podemos nos precaver contra isso reavivando nossas origens, identidade, mensagem, compromisso e a missão do nosso lar, púlpitos e salas de aula.

Não somos apenas mais uma igreja. Somos o movimento final que Deus levantou para um tempo profético, com uma mensagem profética, centrada em Jesus e na Sua graça, para restaurar toda a verdade e preparar o mundo para Seu retorno.

"Os adventistas do sétimo dia foram escolhidos por Deus como um povo peculiar, separado do mundo", escreveu Ellen White. "Com a grande talhadeira da verdade Ele os cortou da pedreira do mundo, e os ligou a Si. [...] O maior tesouro da verdade já confiado a mortais, as mais solenes e terríveis advertências que Deus já enviou aos homens foram confiadas a este povo, a fim de serem transmitidas ao mundo" (Testemunhos Para a Igreja, v. 7, p. 138).

O apóstolo Paulo disse que a igreja é "coluna e fundamento da verdade" (1Tm 3:15). Foi para esse propósito que Deus chamou Israel (Dt 7:6-9; 14:2; Is 60:1-3) para ser o Seu povo especial. Ele não deixou a critério deles a escolha de como viver, como adorar e como evangelizar, mas deu instruções específicas.

Infelizmente, o antigo Israel falhou. Porém, o plano de Deus não terminou ali. No exato momento profético, algo grande aconteceu no Céu, algo "tão essencial ao plano da redenção como o foi a morte de Jesus na cruz" (*O Grande Conflito*, p. 489). Deus abriu os livros. O mundo precisa saber.

CERTIDÃO DE NASCIMENTO PROFÉTICA

Por isso, Deus levantou um povo em meio ao desapontamento, profetizado por Jesus em Sua visão dada a João séculos atrás (Ap 10:5-11), para o compromisso sagrado de restaurar toda a luz da Sua verdade, apresentando "com alta voz" as três mensagens de amor mais solenes jamais reveladas (Ap 14:6-12).

O desapontamento foi a certidão de nascimento do verdadeiro povo de Deus. Se a última

igreja não tivesse surgido de uma decepção durante o momento profético, durante o estudo das profecias de Daniel, ela não poderia ser a verdadeira igreja. Foi quando nossos pioneiros estudaram diligentemente as Escrituras para discernir o que tinha acontecido em 22 de outubro de 1844 que compreenderam, pela fé, onde Jesus está ministrando.

Pouco depois, Deus deu a esse povo o dom de profecia, definindo assim as duas características marcantes do remanescente do tempo do fim: aqueles que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus, que é o espírito de profecia (Ap 12:17; 19:10). Estes dois componentes aparecem juntos na Escritura e definem o verdadeiro povo de Deus (Is 8:19, 20).

Na primeira visão de Ellen White, Deus estabeleceu claramente a ascensão, o curso e o destino deste movimento. Se a verdade do santuário celestial não for compreendida, o plano da salvação também não será completamente compreendido.

CUIDADO COM AS DISTRAÇÕES

Certas distrações e perigos podem comprometer nossa identidade, nossos propósitos e nossa missão como povo remanescente.

- Deixar de apresentar a verdade atual. O evangelho eterno foi o plano de salvação apresentado a Adão e Eva. Há também verdade presente dentro do contexto do evangelho eterno. Qual é a verdade presente para esta hora? As verdades centram-se no lugar santíssimo do santuário celestial, onde Jesus ministra hoje.
- Concentrar-se apenas na justiça social e na ajuda humanitária sem levar as pessoas a Jesus e à mensagem plena do evangelho. Muitas entidades seculares fazem um excelente trabalho social. Mas a ajuda e a justica social não são a nossa missão final como igreja. Passagens em Miqueias 6, Isaías 58 e Tiago enfatizam a ajuda que devemos oferecer aos outros. O próprio Jesus fez boas obras. No entanto, Sua missão não era apenas aliviar o sofrimento, e sim salvar a raça humana. Ele viveu Sua religião, mostrando amor e compaixão dentro do contexto da missão. É importante ajudar as pessoas suprindo suas necessidades temporais, mas não podemos parar por aí. Precisamos levar as pessoas ao pé da cruz e à mensagem plena do advento.
- Imitar a liturgia, a música e os métodos de crescimento de outras denominações. Para

NÓS NÃO SOMOS
FANÁTICOS NEM
LIBERAIS. SOMOS
DISCÍPULOS
QUE RECEBEM
E ACEITAM A
GRAÇA DE VIVER
DE FORMA
COMPROMETIDA

Israel, imitar outros povos produziu resultados catastróficos (Nm 22–24). Alguns buscam ideias de fontes que negam verdades bíblicas importantes, depois aplicam esses métodos em nossas igrejas. O que nos motiva a adotar o estilo de adoração e métodos de crescimento das igrejas que a Bíblia descreve como "Babilônia"? Deus nunca sugeriu que, para alcançar as nações vizinhas, Israel deveria adotar seus métodos ou estilo de adoração.

■ Enfatizar um adventismo existencialista no qual o discipulado é separado da doutrina. Se falamos apenas do Mestre e das Suas virtudes, mas não ensinamos o que Ele nos pede que ensinemos, até que ponto podemos realmente ser bons discípulos? Como os novos

crentes podem ensinar aos outros as verdades que não aprenderam?

Quando a pregação deixa de ser profética, doutrinária e centrada em Cristo e se baseia apenas na graça barata, leva à satisfação pessoal, em que é impossível haver um reavivamento genuíno. Um evangelho da graça barata produz liberalismo; um evangelho de advertência produz fanatismo. Nós não somos fanáticos nem liberais. Somos discípulos que recebem e aceitam a graça de viver de forma comprometida.

RESPONSABILIDADE RECEBIDA DE DEUS

Será que compreendemos a responsabilidade que Deus nos conferiu nestes últimos dias da grande controvérsia entre Cristo e Satanás?

Ellen White escreveu: "Em sentido especial os adventistas do sétimo dia foram postos no mundo como vigias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo a perecer. Sobre eles incidiu a maravilhosa luz da Palavra de Deus. Foram incumbidos de uma obra da mais solene importância: a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. Nenhuma obra há de tão grande importância. Eles não devem permitir que nenhuma outra coisa lhes absorva a atenção" (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 9, p. 19).

Que privilégio e responsabilidade! Sabemos como as coisas vão acabar. Uma última geração permanecerá firme e amará tanto o Senhor que será obediente a Ele. Esses fiéis serão selados para a eternidade, estabelecidos em toda a verdade bíblica para que não possam ser tocados. Essa geração participará de coisas maravilhosas, como a chuva serôdia e a terminação da obra de Deus. A Terra será iluminada com a Sua glória (Ap 18:1).

Minha oração é que sejamos essa última geração. Maranata! @

ROBERT COSTA é secretário ministerial associado e coordenador do evangelismo mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Fé bem alicerçada

A JORNADA DE UM ADOLESCENTE ADVENTISTA QUE COMPAROU AS DOUTRINAS DE VÁRIAS IGREJAS CRISTÃS ATÉ CONCLUIR QUE ESTAVA NO CAMINHO CERTO

STEPHEN BAUER

ive a felicidade de ser criado num lar adventista, no qual a religião era eficaz. Para nós, Deus era muito real e os resultados de segui-Lo eram positivos e inspiradores. Assim, pouco depois do meu 16º aniversário, fui batizado como adventista do sétimo dia.

No verão seguinte, me perguntei: essa é minha religião ou a religião dos meus pais? Eu nunca havia

feito essa distinção antes. Como eu deveria responder a essa pergunta? E se eu chegasse a uma conclusão diferente da opinião dos meus pais? Como isso influenciaria nosso relacionamento?

Para construir minha própria espiritualidade, senti que precisava trabalhar sozinho, diretamente com Deus e encarar os riscos disso. Muitos cristãos buscam apoio bíblico para sua fé. Mas a questão era: como eu poderia saber quem tinha a interpretação correta das Escrituras? Ao ponderar sobre essas inquietações, raciocinei que, se Deus é o mesmo ontem, hoje e amanhã (Hb 13:8), Ele seria coerente Consigo mesmo. E, se Ele tivesse uma igreja na Terra, os ensinamentos dela não seriam contraditórios.

PROTESTANTISMO

Nos meses seguintes, emprestei livros da biblioteca que tratavam de várias denominações cristãs. Como eu conhecia muito bem o adventismo, procurei descobrir primeiro quão acuradamente essas igrejas se referiam à fé adventista. Isso me diria quão verdadeira era a descrição deles sobre as crenças de outras tradições religiosas.

Enquanto eu estudava, algumas coisas começaram a se destacar. Por exemplo, notei que algumas denominações enfatizavam a predestinação divina como o fundamento para a salvação pessoal. A predestinação, porém, parecia entrar em conflito com o conceito de livre-arbítrio encontrado nas Escrituras. Como eu poderia ter liberdade de escolha se Deus é o único determinante da minha salvação?



Outros pareciam se fixar na cruz e na gratuidade da vida eterna, a ponto de não conseguirem lidar adequadamente com os imperativos morais e a necessidade de obediência encontrados, inclusive, no Novo Testamento. Em contraste, as doutrinas adventistas pareciam se complementar sem tensões significativas nessas áreas.

Uma das maiores dificuldades para mim nesse período foi perceber o conflito que existe entre a declaração de que Deus é amoroso e justo e o ensino de que Ele torturará os pecadores no inferno por toda a eternidade. Uma punição infinita por crimes finitos parecia injusta, e várias tentativas de resolver essa situação se revelaram inadequadas. No fim, percebi que havia várias contradições internas no protestantismo.

CATOLICISMO ROMANO

E o catolicismo romano? Pareceu-me que a tradição católica colocava mais ênfase nos aspectos soberanos e imperiais de Deus do que em Sua graça e amor. Isso foi evidenciado pelo papel da virgem Maria, em práticas como rezar o terço e no seu papel mediador entre os crentes e Cristo. Isso fez Jesus parecer inacessível.

Pelo fato de o catolicismo valorizar mais a soberania de Deus do que Sua graça, pareceu-me que a crença no castigo eterno do inferno é menos contraditória nessa tradição do que no protestantismo. Por outro lado, a grande ênfase dos católicos na soberania imperial de Deus traz implicações mais significativas para pensar a justiça Dele e um suposto castigo eterno.

Além disso, ao examinar a fé católica romana, vi como o conceito de imortalidade da alma não somente exigia a crença no inferno, como também tornava necessária a ideia de purgatório e seu sofrimento,

problema que era suavizado pela teologia da segunda oportunidade.

A doutrina da imortalidade da alma também se relaciona diretamente com a veneração aos santos e intercessão deles. Mais do que qualquer outra tradição religiosa cristã, o catolicismo valoriza a ideia de que o ser humano tem uma alma imor-

tal. E esse ensinamento parece abalizar outras crenças católicas, como a doutrina de Deus, do juízo e da penitência no purgatório e no inferno. Por isso, como jovem pastor, ao ter um contato evangelístico com católicos, sempre tratei essa questão com muita sensibilidade, sabendo que a descontrução dessa ideia derrubaria outros pilares de sua fé.

Nesse processo de estudo do catolicismo, percebi também que o sistema de perdão com base na penitência parecia minimizar a gravidade do pecado. Seguindo essa lógica, alguns pecados parecem desculpáveis se você estiver disposto a pagar o preço com penitências e, posteriormente, no purgatório. A imortalidade da alma na perspectiva católica também faz da segunda vinda de Cristo à Terra a mera posse de um reino geopolítico, cujas bases já teriam sido lançadas pela igreja. Por isso, mais tarde, fez sentido para mim ler a declaração de Ellen White dizendo que os dois grandes erros finais que serão promovidos por Satanás serão a imortalidade da alma e a santidade do domingo (O Grande Conflito, p. 588).

ADVENTISMO

Por sua vez, quando ponderei sobre a fé adventista, encontrei consistência intrínseca em seu sistema doutrinário. O estado inconsciente dos mortos, por exemplo, se encaixa bem com a crença no juízo préadvento, um julgamento com base em provas representadas pelos livros abertos em Daniel 7.

Nossa visão de aniquilação final dos ímpios também parece coerente, pois cada pessoa sofreria proporcionalmente ao que fez (Mt 16:27; 2Co 5:10; Ap 22:12).

TODOS NÓS **DEVEMOS ASSUMIR A** RESPONSABILIDADE **DE FUNDAMENTAR NOSSA FÉ NUMA BUSCA PESSOAL POR DEUS**

Essa interpretação adventista parece se encaixar bem, pois concilia tanto a afirmação de que Deus é justo quanto a de que Ele é amor. Além disso, o dever de prestar contas a Deus lança os fundamentos da graça e da necessidade da salvação (Rm 3:19-24).

Ellen White testificou também dessa coerência do sistema doutrinário adventista, quando afirmou: "O assunto do santuário foi a chave que desvendou o mistério do desapontamento de 1844. Revelou um conjunto completo de verdades, ligadas harmoniosamente entre si e mostrou que a mão de Deus havia conduzido o grande movimento do advento" (O Grande Conflito, p. 423).

BUSCA FINALIZADA

Por meio desse processo de busca, concluí que, se Deus tem uma igreja na Terra, ela deveria ser a Igreja Católica Apostólica Romana ou a Igreja Adventista do Sétimo Dia. E aí a pergunta que veio na sequência foi: qual (ou quem) seria a autoridade mais confiável para eu consultar, a fim de tomar a decisão certa?

Pelo fato de essas duas denominações afirmarem que a Bíblia é inspirada por Deus, entendi que precisava tomar as Escrituras como regra de fé e prática. Ao fazer isso, percebi que muitos ensinos católicos não se harmonizavam com a Bíblia.

Assim, por causa do testemunho coerente das Escrituras, e dos meus pais, entendi que eu precisava seguir como adventista. Agora, esse caminho espiritual não é apenas só dos meus pais, é o meu. Desde então, passei a me considerar não mais como um adventista de terceira geração, mas de primeira geração.

A lição que deixo é: todos nós devemos assumir a responsabilidade de fundamentar nossa fé numa busca pessoal por Deus. @

STEPHEN BAUER, PhD, é professor de Teologia e Ética na Universidade Adventista do Sul, em Collegedale, Tennessee (EUA)



Embora os ventos soprem...

O QUE PODE ACONTECER QUANDO UM CICLONE ATINGE UMA IGREJA DE PLÁSTICO

DICK DUERKSEN

ocê não vai reconhecer a estrutura como sendo de uma igreja. Se conseguir, será por causa de uma motocicleta brilhante estacionada em frente, ou pelo som da música religiosa quando passar pela porta. Mas o monte de plástico preto é uma igreja, uma bela igreja adventista do sétimo dia, situada à beira de uma estrada principal nas ilhas Sundarbans, em Bengala Ocidental, na Índia.

A Vovó iniciou a igreja quando sua nora, uma jovem obreira evangelista, compartilhou muitas histórias inacreditáveis e maravilhosas sobre "o Deus que te ama". Não conseguindo conter seu entusiasmo, a Vovó convidou os vizinhos a se unirem a ela para estudar a Bíblia e orar. As reuniões rapidamente lotaram sua cozinha simples e passaram para a pequena faixa de terra que servia de entrada para a casa de dois quartos.

Foi o local perfeito para o grupo crescente de novos cristãos se encontrarem. Pouco espaço, mas fresco, sob os galhos de uma árvore gigante. A congregação rapidamente ultrapassou a porta de entrada.

"Ninguém é dono da terra à beira da estrada", disse um dos novos crentes à Vovó. "Vamos construir uma igreja aqui ao lado da sua casa."

"O governador não vai ficar zangado?"
"Não até decidirem alargar a estrada!"

Os crentes não tinham dinheiro para comprar material de construção como concreto, tijolos ou aço, mas coletaram uma oferta que cobria o custo de um carregamento de bambu comprido, uma quantidade de plástico preto e um carrinho de plástico verde brilhante com faixas verde-escuro. Arrancaram tiras fortes das bananeiras que usaram para amarrar o bambu numa estrutura de igreja. Ninguém se lembra de quanto tempo foi necessário, mas não demorou muito e a igreja estava pronta para os cultos.

Uma mulher levou para a cidade seus ídolos de bronze do templo antigo e mandou transformá-los em um sino de igreja. Então, em certa manhã memorável de sábado, ela contou o que tinha feito e pendurou o novo sino numa viga de bambu na frente da igreja. Pediram emprestado um sistema de som simples, limparam o chão e o cobriram com plástico laranja e amarelo, penduraram faixas brilhantes no telhado e abriram a porta no sábado de manhã.

A igreja, mais bonita que uma catedral com vitrais, tem agora quase um recorde de homens e ainda mais mulheres sentadas no chão, lendo as Escrituras, cantando animadamente, ouvindo sermões e fazendo longas orações emocionadas e cheias de esperança, todas as sextas-feiras à noite e aos sábados, e muitas outras vezes durante a semana, quando os membros se sentem atraídos pelo culto.

Sendo que a nora da Vovó está na casa dos 30 anos de idade, a igreja se encheu rapidamente com seus amigos e outros jovens da comunidade. Cada vez mais pessoas iam visitar a igreja, e os membros acrescentaram uma mesa à frente, um armário para guardar Bíblias, uma lâmpada, um ventilador elétrico e uma cruz vermelha e branca com uma guirlanda de flores púrpura.

Nas tardes de sábado, professores e alunos da Escola Adventista de Sundarbans vão à igreja de plástico, tomam uma refeição rápida juntos e depois se dividem em 12 grupos para visitar os moradores nas proximidades. Os alunos, muitos deles de origem hindu, muçulmana ou animista, dão estudos bíblicos e convidam os vizinhos a ir à igreja para cantar, orar e adorar. Os vizinhos amam os estudantes, e a frequência à igreja está começando a esticar as paredes de plástico.

* * *

Nos últimos anos, estudantes da Escola Adventista de Ensino Médio de Sunnydale, no estado norte-americano do Missouri, têm ido às ilhas Sundarbans em viagens missionárias. Eles vão de porta em porta nas aldeias, jogam futebol com as crianças e lideram reuniões de evangelismo em pequenas igrejas.

Durante o mês de março de 2020, estudantes de Sunnydale se uniram aos estudantes da Escola Adventista de Sundarbans para realizar reuniões evangelísticas na igreja de plástico. Juntos, eles ensinaram histórias maravilhosas do "Deus que te ama", fazendo esticarem ainda mais as paredes da igreja.

Em novembro de 2019, Bengala Ocidental foi atingida pelo Bulbul, um ciclone monstruoso. Milhares de árvores foram arrancadas e atiradas sobre as casas. A terra seca se transformou em lama e foi levada. As estradas foram destruídas pela fúria dos rios. Os edifícios ficaram desmoronados e esmagados.

Lembra-se dos "galhos da árvore gigante" que tinham abrigado os crentes quando a "igreja" era na entrada da casa da Vovó? Ela orou durante toda a noite do ciclone, suplicando a Deus que salvasse a árvore e a igreja. Quase de manhã, a Vovó ouviu o vento atacar sua árvore. Ouviu um barulho que quase a fez saltar da cama. Aterrorizada, ela rastejou até a porta

EM NOVEMBRO DE 2019, BENGALA OCIDENTAL FOI ATINGIDA PELO BULBUL, UM CICLONE MONSTRUOSO. MILHARES DE ÁRVORES FORAM ARRANCADAS E ATIRADAS SOBRE AS CASAS

> e encontrou galhos, folhas e ramos bloqueando a entrada. Achando que a essa altura a igreja já não passasse de lixo debaixo da árvore, ela voltou para a cama em lágrimas.

> Na manhã seguinte, muitos membros da igreja foram ver o que havia acontecido. Puxando os galhos e folhas para o lado, viram que a árvore tinha caído no pequeno espaço entre a casa da Vovó e a igreja. Bloqueou a entrada onde era a "igreja velha", mas deixou intactas a "igreja nova" e a casa da Vovó.

A notícia da "árvore que caiu, mas salvou a igreja de plástico" se espalhou pelas aldeias, e as pessoas foram admirar o trabalho cuidadoso de Deus. Muitas delas ficaram para o culto.

Se você planeja ir para o culto neste sábado, chegue cedo. A igreja de plástico está transbordando. Leve a Bíblia e o hinário, mas prepare-se para deixar seus sapatos ao lado da porta da frente. Você vai amar os cânticos, as orações, os testemunhos e o sermão. Fique o dia todo se quiser, mas não deixe de ir ver o tronco da árvore lá atrás. Os galhos e as folhas já se foram há muito tempo, mas você vai notar que o tronco ainda se inclina para a entrada da casa da Vovó. Aponta para o único local seguro onde a árvore podia cair sem causar danos. Bem onde os anjos a ajudaram a cair. Bem nos braços do "Deus que te ama". @

DICK DUERKSEN é pastor e mora em Portland, Oregon (EUA)





s últimos meses têm permitido a muitos de nós a experiência do que é ter uma criança fora da escola. Não em casa no verão ou nas férias, mas em casa tentando manter os programas de ensino dentro do prazo, sem acesso adequado a todas as coisas que tornam a escola muito boa.

Esta interferência na vida normal, entre outros efeitos secundários da pandemia da Covid-19, será uma nota de rodapé na narrativa da nossa vida: o tempo em que todos nós tentamos o ensino em casa. Para alguns, isso reforça o valor do sistema educativo. Para outros, foi um acidente inesperado, cheio de pontos fortes, aprendizagem virtual e infinitas sessões de trabalhos manuais e artísticos.

Se quando você ler esse artigo a vida já tiver voltado à normalidade, ficaremos felizes pelo fato de nossos filhos não estarem mais fora da escola, mas simplesmente aproveitando as férias. Quando eles voltarem para seus professores, recursos, playgrounds e colegas, será mais uma vez um tempo agridoce de volta às aulas.

EMPATIA NASCIDA NA CRISE

Para 264 milhões de crianças em todo o mundo que não estão frequentando a escola, esse parece um sonho cruel. Agora que nossas crianças perderam sua rotina educacional normal, mesmo que seja por apenas alguns meses, podemos começar a imaginar como seria se essas interrupções temporárias da escolaridade se tornassem permanentes.

Imagine, por um momento, que seu filho de 8 anos de idade nunca tenha frequentado uma escola primária. Seu filho nunca participou de uma discussão de classe, nunca levantou a mão para responder a um problema de matemática, nunca teve uma oportunidade formal de aprender a ler e escrever. Para 25 milhões de crianças nessa faixa de idade, esse é o cenário real. Seu filho hipotético de 8 anos de idade seria contado entre as crianças que nunca viram o interior de uma sala de aula e, sem intervenção, provavelmente nunca verão.

Essas estatísticas são ainda piores se essa criança for menina ou refugiada ou necessitar de educação especial. De acordo com a Unesco, o dobro de meninas em relação aos meninos nunca irá ingressar na escola. Além disso, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) afirma que as crianças refugiadas têm cinco vezes mais

probabilidade de sair da escola do que seus semelhantes não refugiados (bit.ly/3dPIJEf). Além disso, segundo o Unicef (bit.ly/3bkZo0A), 90% das crianças com deficiência nos países em desenvolvimento estão fora na escola.

Esse é o mundo de Rafeef, uma refugiada síria de 10 anos de idade que sofre de uma doença genética debilitante na medula espinhal. Embora não conheça essas estatísticas oficiais, certamente ela sabe o que significa ficar fora da escola. Visto que sua doença afeta a visão, a mobilidade e a habilidade de aprender em ambientes tradicionais, Rafeef requer assistência especial. Mas no Líbano, onde ela vive, é difícil conseguir esse tipo de assistência.

"Crianças com necessidades especiais requerem cuidados especiais", diz Rita Haddad, gerente de projetos da ADRA no Líbano. "Aqui no Líbano, até as meninas sem necessidades especiais são desvalorizadas. Não é dada prioridade nenhuma às meninas com necessidades especiais." Por isso, a ADRA ABILITY, um projeto



A EDUCAÇÃO
OFERECE ÀS
CRIANÇAS
FERRAMENTAS
PARA O SUCESSO
E AS INSPIRA A
SONHAR MAIS
ALTO

adaptado às necessidades das crianças com deficiências físicas e mentais como Rafeef, trabalha com essas famílias para proporcionar o que a ADRA acredita ser inalienável: acesso igualitário à educação de qualidade.

Agora Rafeef tem aulas particulares com Ahlam, um tutor do projeto ADRA ABILITY. Juntos eles trabalham por meio de um currículo planejado para atender às necessidades da criança. "No Líbano, se não ajudarmos as meninas com necessidades especiais, elas não têm futuro nem esperança", diz Ahlam. "O pensamento é que a menina com qualquer deficiência é incapaz de qualquer coisa. Os pais vão tentar casá-la com um homem bem mais velho."

O casamento precoce e as deficiências são apenas duas das muitas circunstâncias que mantêm as crianças fora da escola. Outros fatores são guerra, pobreza, desastres naturais e fome. Em Maputo, Moçambique, as taxas de desnutrição crônica são superiores a 30%, e a ADRA detectou que metade dos estudantes da região tem peso abaixo do normal. Para combater essa situação, a ADRA fez parceria com o Rise Against Hunger, fornecendo almoços quentes de arroz e soja com legumes desidratados fortificados com multivitaminas. Para alguns alunos, essa iniciativa de alimentação escolar (SFI) fornece a única refeição que eles recebem por dia.

Basta perguntar ao Elison. Aluno do sexto ano, ele muitas vezes perdia aula para ajudar os pais, ou simplesmente porque estava com muita fome para ir a pé à escola e conseguir concentrar-se nos estudos. Agora, o aluno de 12 anos pode, finalmente, sentar-se numa sala de aula e prestar atenção, em vez de sentir a fome roendo seu estômago. "Nem sempre temos comida em casa", diz ele. "Meus pais não têm trabalho; por isso, não levo lanche para a escola."

Ao fornecer um almoço quente e nutritivo todos os dias, a ADRA incentiva as crianças a reconhecer a escola como um lugar que alimenta o corpo e a mente. Como resultado, a frequência às aulas alcançou números recordes. "O número de alunos tem aumentado", diz Rumbi Muzembi, coordenador de resposta de emergência da ADRA em Moçambique. "Começamos com 9.366 alunos, e agora temos 13.453."

Esses números são consistentes em toda a África Austral, onde o projeto foi desenvolvido. Desde 2017, a iniciativa de alimentação escolar da ADRA tem melhorado a nutrição e o acesso à educação de quase 50 mil crianças em Moçambique, Eswatini (ex-Suazilândia), Madagascar, Zimbábue e Malawi.

CADA CRIANÇA, EM TODO LUGAR, NA ESCOLA

Devido ao sucesso dos muitos projetos da ADRA para a melhoria da vida das crianças, e à luz de estatísticas terríveis que continuam a pintar um quadro sombrio para crianças em todo o mundo, a ADRA e a Igreja Adventista do Sétimo Dia estabeleceram uma parceria para assegurar que todas as crianças, em todo lugar, tenham a chance de frequentar uma escola.

A campanha "Cada criança, em todo lugar, na escola" é uma parceria construída sobre um objetivo comum mútuo: servir para que todos possam viver de acordo com o plano de Deus. Essa parceria une a comunidade religiosa da Igreja Adventista do Sétimo Dia mundial com as competências técnicas e o sucesso histórico da ADRA.

Mobilizando a comunidade religiosa, influenciando os líderes que decidem sobre as políticas relacionadas com a educação e desenvolvendo projetos que se fundamentam em programas bemsucedidos como ADRA ABILITY e SFI, a ADRA e a Igreja Adventista acreditam que podemos garantir que todas as crianças em todo lugar tenham a oportunidade de ir à escola.

A educação transforma vidas. A educação tira as crianças dos conflitos, das catástrofes e da pobreza. A educação equipa as crianças com ferramentas para o sucesso. E a educação inspira as crianças a sonhar mais alto.

Com a sua ajuda, podemos oferecer esperança de um futuro brilhante a todas as crianças de todos os lugares. @

MICHAEL KRUGER, natural da África do Sul, é presidente da Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA)

Para saber mais de como a ADRA está ajudando as crianças que estão sem escola e como poder ajudar, visite ADRA.org/InSchool



POR AMOR A VOCÊ, DEUS PEDE QUE ENFRENTE SEU INIMIGO, MAS QUE DEIXE O PESO DA BATALHA SOBRE OS

DANIEL BRUNEAU

OMBROS DELE

ão era isso que queríamos ouvir. Os médicos estavam discutindo a opção por outro tratamento, pois a primeira alternativa não havia sido eficaz. Meu médico descreveu para mim seu novo plano para tentar chegar à raiz do problema de saúde que tenho enfrentado há dois anos, cujas causas são desconhecidas. Ele foi objetivo, mas gentil, no seu contato visual, enquanto expunha com convicção sua ideia.

Quando ele saiu do consultório, conduzindonos para o setor administrativo, a fim de que marcássemos as consultas seguintes, não consegui esconder meu desânimo. O medo invadiu meu coração. Para mim, era muito tempo esperando respostas. Instintivamente, minha esposa apertou minha mão, num incentivo silencioso para que agendasse as consultas e não desistisse do tratamento.

ENCONTRO SURPREENDENTE

Caminhei rapidamente para uma cadeira vazia, ansioso para deixar o hospital. Quando me sentei, a mulher atrás da mesa, abriu um grande sorriso e me perguntou quais seriam as melhores datas para o agendamento. Enquanto ela olhava na tela de seu computador, notei que havia uma pequena Bíblia no canto direito de sua mesa.

ali. Ela sorriu outra vez, fez uma pausa e puxou um caderno que estava debaixo de vários papéis. Ela me disse que havia levado sua Bíblia para o trabalho porque estava escrevendo um cartão para seu filho, que estava num programa de reabilitação para dependentes químicos. Ela queria copiar um texto bíblico no cartão, mas não se lembrava da localização dele no Novo Testamento. Antes que ela me contasse o sentido da promessa bíblica que procurava, eu, impulsivamente, disse: "É Filipenses 4:19. 'E o meu Deus, segundo a Sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades.' É esse o verso que você está procurando?"

Senti meu coração acelerado e pensei: de onde veio isso? Totalmente surpresa, ela fixou os olhos em mim, com um olhar do qual nunca vou me esquecer, e disse suavemente: "Sim, como você



sabia?" Vi lágrimas rolarem por seu rosto e senti meus olhos também se encherem de lágrimas. Nós dois sabíamos que não havia sido uma coincidência: Deus tinha falado conosco de maneira especial.

Naquele mesmo momento, fui abraçado pelas bênçãos de Deus, experimentando uma paz palpável, que invadiu meu coração e minha mente. O medo do desconhecido havia desaparecido. É claro que havia um novo plano de tratamento ao qual eu deveria me submeter, mas o peso de ganhar essa batalha contra a doença, eu não precisaria mais carregar.

PROMESSA PODEROSA

Temer o desconhecido pode ser devastador. O rei Josafá, um dos bons líderes a ocupar o trono de Judá, também sabia disso. Moabe, Amon e Edom combinaram suas forças e estavam reunindo seus exércitos ao leste do Mar Morto, prontos para atacar. As Escrituras nos dizem que "Josafá teve medo" (2Cr 20:3). Em resposta a esse sentimento, ele voltou sua atenção para Deus e fez uma oração emocionante e sincera, reivindicando as promessas divinas de conduzir Seu povo em segurança (v. 5-12).

Ele não orou em vão. Deus ouviu seu pedido angustiado e falou por meio de um levita chamado Jaaziel, cujo nome, que significa "Deus vê", já carrega em si uma promessa. Deus prometeu algo para Josafá e seu povo, que acalmou o coração deles: "Não tenham medo nem fiquem desanimados por causa desse exército enorme. Pois a batalha não é de vocês, mas de Deus" (v. 15, NVI).

Deus disse ao povo que não tivesse medo, antes mesmo de declarar que a batalha – o que eles mais temiam – na verdade não era deles. Note que Deus não falou que Seu povo não teria que enfrentar o inimigo. O que Ele prometeu é que os israelitas não teriam que lutar a batalha. Por amor, Deus tomou sobre Si a parte mais dolorosa, a guerra, carregando-a sobre Seus ombros.

DEUS LUTA POR NÓS

Essa promessa ecoa em alto e bom som ao longo de toda a Bíblia. Um caso emblemático foi quando o povo de Israel se libertou da opressão egípcia. O relato bíblico do êxodo nos faz imaginar que a sensação inicial de liberdade tenha sido logo interrompida pelo barulho familiar das carruagens do exército de faraó vindo avidamente ao encalço deles. O medo dos israelitas deve ter se intensificado quando perceberam que seu caminho estava bloqueado pelo Mar Vermelho. Sentiram-se encurralados. Moisés, porém, estava firme. Ele gritou corajosamente, fazendo o povo se lembrar de que o Senhor lutaria por ele (Êx 14:14).

A promessa de Deus dada aos israelitas por meio de Moisés é semelhante à que Ele enviou para Josafá. O Senhor assumiria o fardo da batalha. Essa é uma promessa que podemos reivindicar hoje, com confiança, para nós. Deus escolheu lutar por nós, e a cruz é a maior prova. Pense nisso por um momento. Não há maior conforto do que esse!

Seja qual for seu medo ou o tamanho de sua luta, você não precisa enfrentar o desafio sozinho. Ellen White também parece ter entendido isso: "Não te preocupes. Jesus te ama e cuidará de ti e te abençoará. Não mais podes enfrentar a batalha agressiva e ativa, mas podes deixar que Jesus lute por ti" (Olhando Para o Alto, p. 373).

DANIEL BRUNEAU, doutor em Psicologia Experimental, é o gerente de estratégia criativa e de marca do ministério Adventist Review



álcool é um agente teratogênico conhecido, o que significa que pode causar anormalidades em bebês no útero. Há muito tempo se sabe que o consumo materno de álcool está significativamente associado ao Transtorno do Espectro Alcoólico Fetal (TEAF). Bebês com TEAF têm anormalidades congênitas, crescimento retardado e distúrbios mentais, comportamentais e de aprendizagem. Podem também nascer com tracos faciais característicos.

Aproximadamente 25% das crianças com TEAF têm Defeitos Cardíacos Congênitos (DCC), e os distúrbios mentais e comportamentais se tornam mais aparentes à medida que a criança cresce e se desenvolve.

É sabido que esses DCCs estão relacionados exclusivamente com o consumo de álcool pela mãe. Entretanto, em 2019 foi realizado um estudo extenso para verificar se o padrão de consumo de álcool do pai também pode estar relacionado ao aumento do risco de DCC.

Essa pesquisa foi uma metaanálise, ou seja, considerou dados combinados de grandes estudos da China, Europa e Estados Unidos. O número de pessoas analisadas foi de 41.747 alcoólatras e 297.587 consumidores controlados. O estudo, realizado por Senmao Zhang, Lesan Wang, Tubao Wang e outros pesquisadores, foi publicado em outubro no European Journal of Preventive Cardiology.

Uma descoberta fundamental desse levantamento foi que o consumo de álcool pelo pai aumenta significativamente a probabilidade de o recém-nascido apresentar doenças cardíacas congênitas. Acredita-se que o álcool danifique o DNA e o RNA no esperma do homem. Esse efeito se torna mais grave de acordo com o nível de consumo de álcool. Esse é um dado interessante e importante. Portanto, para evitar que isso ocorra, o homem não pode ter consumido álcool nos três meses que antecederam a concepção.

Vale ressaltar que o consumo de álcool traz outros riscos. Sua ação no organismo é teratogênica (aumenta os defeitos congênitos) e carcinogênica (causa câncer). Ele é causa da morte de 3 milhões de pessoas a cada ano e responsável

UMA PESQUISA DE META-ANÁLISE MOSTROU QUE O CONSUMO DE ÁLCOOL POR PARTE DO PAI TAMBÉM AFETA O BEBÊ

por 5% das incidências globais de doenças. De fato, esse hábito validado por muitas culturas acaba gerando muitos órfãos e viúvas anualmente.

Vale pontuar também que não há nível seguro de ingestão de álcool. Além disso, a bebida é viciante e está associada a acidentes, afogamentos, crimes e violência doméstica. Quase nenhum sistema orgânico escapa aos perigos do consumo de álcool, inclusive o centro da razão e da escolha: o cérebro.

Em última análise, a razão convincente para evitar esse tipo de droga legalizada é manter nossa mente clara e sensível à voz do Espírito de Deus. Nesse caso, como em tudo que envolve a saúde, a prevenção é a cura. .

PETER LANDLESS é cardiologista e diretor do Ministério da Saúde da sede mundial adventista em Silver Spring, Maryland (EUA); ZENO CHARLES-MARCEL é clínico geral e diretor associado desse mesmo ministério



A SINGULARIDADE DA VIDA

POR QUE A BÍBLIA DÁ TANTO VALOR À EXISTÊNCIA HUMANA?

ÁNGEL MANUEL RODRÍGUEZ

té os que negam a existência de Deus ficam maravilhados com a natureza da vida no cosmos, que, por acidente, creem eles, é encontrada somente em nosso planeta. Para os que aceitam a narrativa bíblica da criação, a vida humana é ainda mais valiosa e misteriosa. Vou compartilhar algumas ideias.

1. Origem peculiar da vida. Em qualquer de suas formas, a vida em nosso planeta é uma maravilha e um mistério. Os cientistas continuam pesquisando sobre a origem da vida, sugerindo que ela faz parte de uma narrativa cósmica – a narrativa da evolução natural.

A descrição bíblica sobre a origem da vida humana (Gn 1 e 2), por sua vez, chega até nós em uma narrativa simples, porém profunda. Deus criou os seres humanos diferentemente de qualquer outra forma de vida no planeta (Gn 2:7). O texto mostra que, de certa forma, somos como os outros seres vivos, formados a partir do solo e com o sopro da vida (v. 19), mas também que somos fundamentalmente diferentes deles.

Mediante Sua Palavra falada, Deus trouxe os animais à existência, já com o fôlego de vida. No caso dos seres humanos, Ele foi o Artífice, formando o ser humano à Sua imagem e semelhança. Depois, soprou nele o fôlego da vida (Gn 1:26, 27; 2:7). A vida humana teve origem singular.

2. Tipo de vida singular. No sexto dia, Deus criou seres autoconscientes que olham para si mesmos e se questionam sobre sua criação (Sl 139:14). O cérebro humano se examina em laboratório, se surpreende e se impressiona com sua própria complexidade e com os meandros de sua natureza e função. Ele continua sendo um mistério para si mesmo. Esse pedaço inigualável de matéria

procura instintivamente fora de si mesmo um significado definitivo; procura a mente, não a matéria inerte, para se explicar. Ficamos satisfeitos quando o Senhor fala e revela a Si mesmo como a origem e a causa da nossa singularidade.

É também singular a habilidade humana para explorar o restante do mundo natural. Havia algo maravilhoso, majestoso e misterioso na natureza, e ela foi convidada a explorar a si mesma por meio do único centro de autoconsciência criado no planeta: a mente humana. Através dessa autoexploração, a criação seria capaz de descobrir a expressão da sabedoria e do poder de Deus codificados dentro de si mesma. Deus criou a mente para se comunicar com a Mente.

3. Um propósito de vida singular. O fato de que a vida humana foi criada à imagem de Deus sugere que os seres humanos devem revelar Seu caráter. Na primeira vez que Deus é apresentado a nós, Ele aparece como uma Pessoa que está trabalhando, um Agente criativo. E a primeira coisa que pediu aos seres humanos foi que fossem criativos e produtivos. Seu trabalho contribuiria para preservar a beleza e a ordem na natureza.

Durante a semana da criação, Deus concebeu o papel dos seres humanos no planeta. Eles seriam produtivos durante seis dias e, no sétimo dia, descansariam para desfrutar de comunhão com a Mente divina. Durante a semana, a produtividade humana, voltada total e absolutamente para os outros, enriqueceria a existência de todas as criaturas. A vida humana é atualizada através da criatividade e da produtividade, que visam beneficiar os outros e glorificar a Deus. Esse é o papel singular da vida humana.

Muitas vezes, nossa vida pode não revelar o ideal divino, porque o egoísmo ainda permanece. Mas, na cruz, Cristo tomou sobre Si nossa vida improdutiva para que recebêssemos Dele a imputação da Sua própria vida, a vida mais criativa e produtiva do Universo. Seu sacrifício torna nossa vida infinitamente valiosa.

ÁNGEL MANUEL RODRÍGUEZ, pastor, professor e teólogo aposentado, foi diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica

A VIDA HUMANA É ATUALIZADA ATRAVÉS DA CRIATIVIDADE E DA PRODUTIVIDADE, QUE VISAM BENEFICIAR OS OUTROS E GLORIFICAR A DEUS odos procuram por amor, proximidade e relacionamentos de trabalho. Muitas vezes, quando enfrentamos um desafio para compartilhar ou expressar nossas opiniões e emoções, tendemos a nos distanciar e, às vezes, a desaparecer.

Vi isso acontecer com os jovens de nossa igreja, mesmo quando era adolescente morando no Líbano ou na Índia. Há tempos, os pesquisadores adventistas nos dizem que está diminuindo o número de jovens que adoram em nossas igrejas no sábado. Testemunhei isso em vários lugares do mundo em que vivi. Há tempo que me questiono sobre esse desafio e, muitas vezes, procuro soluções e formas de resolver o problema. Encontrei uma abordagem possível quando entrei em contato com a Grow Community (Comunidade Crescer) em Manila, nas Filipinas.

Minha primeira experiência de adoração com a Comunidade Crescer foi durante um retiro organizado pela igreja. A adoração foi simples e renovadora. Fui atraída instantaneamente pelos sorrisos de boas-vindas, pelo calor do louvor e pela qualidade do culto. Senti-me inspirada pela animação dos jovens que contribuíram para o culto. Essa era a minha geração. Como as pessoas davam testemunhos, eu me senti à vontade para testemunhar também.

Tive uma conversa com uma das pessoas e ela me contou sobre a jornada inspiradora dessa comunidade. Enquanto ela descrevia como o Project Grow (Projeto Crescer) tomou corpo e se tornou a Comunidade Crescer, que surgiu com um grupo de amigos em uma lanchonete e se transformou

NO MUNDO TODO, OS JOVENS PROCURAM PROVAS DE QUE DEUS É REAL

CONECTE-SE, ADORE, CRESÇA

COMO CRIAR UM AMBIENTE EM QUE A HISTÓRIA DE DEUS E A NOSSA HISTÓRIA SE ENCONTRAM

BEERSHEBA JACOB



em uma comunidade de adoradores, seu testemunho refletia esperança, gratidão e uma contínua dependência da liderança de Deus.

Em outra ocasião, assisti a um batismo. Toda a congregação cercou a piscina para comemorar uma vida convertida. O almoço dos irmãos, seguido de debates e atividades em grupo, acrescentou significado ao culto. Ao falar com o pastor, pude perceber sua paixão pelo trabalho de Deus enraizado na vida dos membros. O Projeto Crescer foi verdadeiramente um lugar "em que a his-

tória de Deus e a nossa história se encontram", como descrito *on-line*. Quando nossa história se encontra com a história de Deus, a transformação é inevitável. Quando testemunhei tudo isso, lembrei-me de uma citação de John Piper: "Deus é mais glorificado em nós quando estamos mais satisfeitos Nele" (*Let the Nations Be Glad! The Supremacy of God in Missions*, 3ª ed. [Baker Academic, 2010], p. 31). Nesse dia, fui imensamente abençoada pela experiência do culto.

É fácil isolarmos o culto de nossa experiência diária. Às vezes, ele se torna uma obrigação a ser cumprida em vez de uma resposta ao incrível amor de Deus. Quando a adoração é impelida pela nossa caminhada espiritual com o Senhor, nossa vida reflete o amor, a graça e a compaixão Dele.

No mundo todo, os jovens procuram provas de que Deus é real. Eles desejam pertencer a uma igreja composta de pessoas que conhecem a Deus e que estão dispostas a ajudar outros a conhecê-Lo. Quando vivemos um dia de adoração significativo, outras pessoas, especialmente os jovens, são atraídas pelo Deus que adoramos. Quando as pessoas são valorizadas e aceitas, elas se sentem bem-vindas. Experimentam a verdadeira adoração e o poder transformador da graça de Deus. A igreja, a comunidade de crentes, é onde os jovens desligados se encontram com seu Criador.

BEERSHEBA JACOB é coordenadora da área de Recursos Humanos do Lowry Memorial College, em Bangalore, Índia



ESCOLA DE AMIGOS

COMO TORNAR O AMBIENTE DA IGREJA AMIGÁVEL PARA OS VISITANTES

WILONA KARIMABADI

uando eu era criança, detestava visitar igrejas diferentes. Veja, eu era uma criança tímida (e ainda sou tímida até hoje).

É difícil me sentir confortável quando tenho que ir a lugares novos, onde não conheço ninguém. Era muito difícil quando visitávamos outra igreja e eu tinha que ir à Escola Sabatina. As crianças ficavam me olhando o tempo todo. Ninguém sorria, a não ser as crianças que já se conheciam. Às vezes, a professora era simpática e carinhosa, mas eu ficava muito envergonhada quando falavam meu nome, porque em seguida todas as crianças olhavam de novo para mim. Mal podia esperar o final da escolinha para eu me esconder no banco com a minha família, durante o culto. Alguma vez você se sentiu assim?

Sabe o que realmente ajuda os visitantes de uma igreja ou Escola Sabatina, ou de um clube de desbravadores, ou até mesmo

no almoço depois do culto? Rostos amigos e pessoas que se esforçam para que os outros se sintam em casa e bem-vindos. Enquanto sua igreja não tiver essas coisas, não se surpreenda se nunca mais voltar a ver esses visitantes. E sabe o que mais? Isso é uma coisa muito triste. Assim, o que você deve fazer? Leia as dicas a seguir e descubra!

- 1. Ponha um sorriso no rosto. Sorria, sorria, sorria! Se não estiver com vontade de ficar sorridente nesse dia, peça a Jesus que o ajude a ser verdadeiro. Quando você olhar em volta e encontrar um rosto tímido, esse sorriso pode funcionar como um raio de sol de boas-vindas.
- 2. Se estiver procurando um lugar para se sentar na Escola Sabatina e encontrar alguém novo, convide-o para se sentar com você. Se ele se sentar na fila de trás porque se sente melhor ali, levante-se e vá sentar-se com ele.
- **3.** Apresente-se a ele. "Oi, eu sou o William. Qual é o seu nome?"
- **4.** Se em alguma parte do programa houver divisão em grupos, convide imediatamente essa pessoa.
- 5. Se houver um lanche ou alguma outra coisa especial depois da Escola Sabatina, seja bem-educado e sirva primeiro o amigo visitante.
- **6.** Talvez você seja tímido, o que compreendo perfeitamente, e ser tão extrovertido pode ser difícil para você. Mas, no mínimo, acene para o visitante.
- 7. Converse com seu professor para descobrir onde conseguir um presentinho barato e bonito para oferecer às visitas se a Escola Sabatina não tiver. E vá um passo além, voluntariando-se para ser a criança que vê as crianças que estão visitando, a fim de entregar o presentinho especial. Essa é uma ótima forma de iniciar uma conversa.

Espero que use essas dicas e transforme sua Escola Sabatina em um lugar muito especial para todos os que passarem por lá. @

WILONA KARIMABADI é editora da revista KidsView

"PORTANTO, ACEITEM-SE UNS AOS OUTROS, DA MESMA FORMA COM QUE CRISTO OS ACEITOU, A FIM DE QUE VOCÊS GLORIFIQUEM A DEUS" (RM 15:7, NVI)



O CULTO NÃO SERÁ MAIS O MESMO

O IMPACTO DO NOVO CORONAVÍRUS EM NOSSO MODO DE SER IGREJA

GERALD KLINGBEIL

á não vou à igreja há muitas semanas. Isso não é algo que se espera ler nesta revista. E, pelo fato de ter nascido e crescido numa família adventista, ir ao templo aos sábados de manhã faz parte do meu DNA há mais de 50 anos.

A pandemia mudou tudo isso. Ou nem tudo. Aqui em casa, por exemplo, há oito anos temos um grupo de estudo da Bíblia às terças-feiras à noite, que reúne de 10 a 15 pessoas. Porém, nesse período de quarentena, temos estudado com 30 pessoas virtualmente, por meio do aplicativo Zoom.

Embora muitos de nós ainda estejamos impedidos de nos reunir presencialmente, de alguma forma estamos experimentando parte da dinâmica do cristianismo primitivo. As reuniões virtuais têm preenchido o vazio deixado pelas restrições relacionadas com a Covid-19.

Nesse aspecto, nos assemelhamos aos primeiros cristãos. Os historiadores do cristianismo concordam em declarar que, durante a maior parte dos dois primeiros séculos após a morte de Cristo, a fé cristã foi vivida em igrejas domiciliares. Por exemplo, Atos 12:12 descreve um encontro de oração interecessora na "casa de Maria" pela libertação de Pedro. Por sua vez,

SER IGREJA TEM QUE VER ESSENCIALMENTE COM VIVER COM DEUS E UNIÃO COM OS IRMÃOS, NO SENSO DE COMUNIDADE E DE MISSÃO

Paulo incluiu muitas saudações a indivíduos que organizavam cultos domésticos (1Co 16:19; Cl 4:15; Fl 2; Rm 16:5, 23). As igrejas domiciliares tinham a vantagem de proporcionar um espaço com mais intimidade, segurança e culturalmente apropriado.

Ao refletir sobre a pandemia e como ela pode nos ajudar a reconsiderar o que é adoração, permitam-me fazer quatro comentários sobre o momento atual:

1. A adoração não se restringe ao sábado de manhã. Ela não é apenas uma atividade litúrgica, bem-estruturada e restrita ao templo. Nós adoramos – individual e corporativamente – porque reconhecemos nossa necessidade de um Salvador. Apesar de sabermos disso, a pandemia tornou isso mais evidente. A adoração é uma forma

de pensar e uma atitude, não um momento.

- 2. O culto precisa ter intimidade. Pequenos grupos virtuais ou presenciais oferecem essa vantagem em relação ao culto no templo. Embora eu goste muito do som do órgão e da harmonia dos corais, ainda dou mais valor à oportunidade de conhecer as alegrias e as lutas dos meus companheiros de adoração.
- 3. A adoração em grupos menores é um incentivo ao cuidado mútuo. É mais fácil eu assumir responsabilidade pela minha espiritualidade e cooperar para a edificação do outro participando de uma reunião domiciliar. Nesses contextos, a presença e a ausência das pessoas podem ser percebidas. Minha impressão é que precisamos de mais intimidade e responsabilidade no culto adventista e menos formalidade e distância.
- 4. As igrejas nos lares podem ser uma tendência. Talvez, quando a crise da Covid-19 estiver aparecendo apenas no espelho retrovisor, os cultos terão se fortalecido. Isso já ocorre onde há sérias restrições à liberdade religiosa e pode se tornar uma alternativa viável também para grandes centros urbanos, onde o preço dos imóveis é muito alto.

O que estou redescobrindo é que a igreja, com ou sem prédios, tem que ver essencialmente com viver com Deus e em união com os irmãos no senso de comunidade e de missão.

GERALD KLINGBEIL é editor associado da Adventist World





Terceira maior em número de membros entre as 13 Divisões da Igreja Adventista, a região administrativa que engloba a América Central batizou quase um milhão de pessoas nos últimos cinco anos

PERÍODO DE CRESCIMENTO

Liderança da igreja na América Central se reúne virtualmente para tratar dos resultados dos últimos cinco anos e planejar o próximo quinquênio

LIBNA STEVENS

exemplo de outras reuniões administrativas da igreja no contexto da pandemia do novo coronavírus, a que envolveu 160 líderes da denominação na América Central no início de maio também foi realizada por videoconferência.

Além de pensar o programa dos próximos anos, eles pararam para fazer um balanço do quinquênio. Nesse período, a Divisão Interamericana contabilizou 905.341 batismos no período, chegando perto da meta de batizar 1 milhão de pessoas em cinco anos. Por outro lado, ela registrou 261.167 perdas por morte, desaparecimento ou apostasia. "Estamos batizando, mas podemos fazer um trabalho melhor de retenção", enfatizou o pastor Leonard Johnson, secretário executivo da sede da igreja para essa região.

Apesar disso, a Divisão Interamericana continua sendo a terceira maior em número de membros entre as 13 Divisões da Igreja Adventista espalhadas pelo globo, posição que ela ocupa há mais de duas décadas. Contudo, há quase cem anos, esse território concentrava apenas 8.146 membros. Pouco mais de meio século

depois, em 1987, a Divisão Interamericana atingiu a marca de um milhão de fiéis. Já em 2000, esse número dobrou e em 2008 a igreja viu o número de adventistas passar de 3 milhões.

Hoje com 3,7 milhões de membros, a denominação na América Central espera chegar à casa dos 4 milhões em 2022, ano do seu centenário. Para tanto, a reunião

administrativa do fim de maio teve também o objetivo de pensar estratégias para os próximos anos. A principal linha de trabalho será o programa "I Will Go" (Eu Irei, em tradução livre), proposto pela sede mundial da igreja para os próximos cincos anos e previsto para ser lançado oficialmente no início de julho.

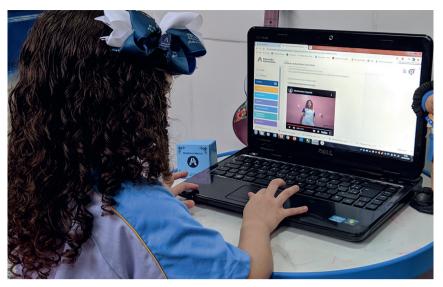
A partir dessa proposta, o plano estratégico prevê ações evangelísticas, de capacitação dos membros e de serviço comunitário. Com esse objetivo em mente, a igreja irá dispor de um orçamento para a execução de projetos e de um processo de avaliação de desempenho. A meta é alcançar, equipar, resgatar e reter pessoas de todas as classes e perfis demográficos por meio de um plano inclusivo e colaborativo.

Durante o concílio, também foram votados novos projetos. Entre eles, a implantação de um novo centro de capelania no Hospital Adventista Vista del Jardín, em Santo Domingo, na República Dominicana. Afiliado ao Instituto Adventista de Capelania da Associação Geral, ele se tornará o terceiro centro desse tipo em todo o território da Divisão Interamericana.

Outro item da pauta da reunião administrativa, que começou com um momento de oração pelas vítimas da Covid-19, por profissionais de saúde que têm arriscado a vida para salvar outras pessoas, por servidores da organização e pela missão da igreja, teve que ver com o impacto da pandemia nas finanças da igreja. O pastor Filiberto Verduzco, tesoureiro da Divisão Interamericana, acredita que os reflexos econômicos para a igreja possam ser mais graves do que os da recessão de 2008.

Apesar das projeções desfavoráveis, os líderes da igreja na América Central se mostraram otimistas quanto ao plano do próximo quinquênio e louvaram a Deus pelos resultados alcançados nos últimos anos. Somente no ano passado, 393 congregações foram abertas na região, uma média de 33 novas igrejas a cada mês. @

LIBNA STEVENS é diretora-assistente do departamento de comunicação da sede administrativa da Igreja Adventista para a América Central



CLASSE VIRTUAL

A plataforma digital criada para atender a rede de ensino adventista durante a pandemia

THIAGO BASÍLIO

om as aulas suspensas por causa da pandemia do novo coronavírus, um cenário de muitas interrogações pairou sobre o mundo: como manter o ensino com as escolas fechadas?

Para sanar o problema de maneira integrada, a Educação Adventista no Brasil produziu, em cinco dias, uma plataforma digital que possibilitou a continuidade das atividades. O E-class permitiu aos mais de 225 mil alunos da rede se conectarem com o ensino a distância. A plataforma já reúne 700 mil aulas gravadas pelos professores de todos os níveis da educação básica. No ambiente virtual, os alunos têm acesso ao cronograma de atividades e submetem as tarefas solicitadas pelos docentes. A plataforma permite o download e upload de arquivos em texto, áudio e vídeo. "O E-class foi desenvolvido para proporcionar plenas condições de interação entre alunos, professores, escola, família, bem como um excelente ambiente para o processo de ensino e de aprendizagem", afirma o pastor Edgard Luz, que coordena a Educação Adventista em oito países da América do Sul.

A iniciativa surpreendeu as famílias dos estudantes. "Fiquei impressionada e emocionada ao ver o E-class, pois tenho meus sobrinhos e primos que não estão tendo esse suporte. A gente sabe da dificuldade dos outros colégios, mas a escola adventista está de parabéns", avalia Darlene Barbosa, mãe do Adriano Barbosa, aluno do 9º ano do ensino fundamental do Colégio Adventista da Cidade Nova, em Ananindeua (PA).

A capacidade de dar uma pronta resposta para manter, mesmo que a distância, o funcionamento das escolas evidencia o background e a experiência que o Portal da Educação Adventista vem adquirindo ao longo dos anos com inúmeros projetos, suportes, aplicativos e plataformas pedagógicas. A equipe, mantida pela Casa Publicadora Brasileira (CPB), editora parceira da rede educacional, tem formação, estrutura, repertório e conhecimentos importantes para atender

Servindo a uma das maiores redes confessionais do país, o E-class acumula números expressívos: 700 mil aulas cadastradas, 250 milhões de visualizações de páginas e 10 milhões de respostas dos alunos

de forma personalizada às necessidades escolares das mais de 512 unidades espalhadas por todas as regiões do país, em uma situação emergencial como a que estamos enfrentando.

"Temos trabalhado com afinco para atender as demandas que surgem desta situação que, com certeza, é um contexto atípico não só para a Educação Adventista, mas para todo o mundo", observa Alexander Dutra, gerente de Didáticos da CPB, que também atribui o sucesso do projeto ao grande engajamento dos professores na adaptação das suas aulas.

É nesse momento que a proatividade criativa se revela. Historinhas, teatros, quadros improvisados e até vlogs, como é o caso da iniciativa do Carlos Daniel, professor de História no Colégio Adventista de Paulínia (SP). Ele alimenta o Acima da Média, seu canal no YouTube. Por meio da ferramenta, Carlos explica os assuntos dos conteúdos programáticos postados no E-class. "Dar aulas on-line tem exigido muito mais da criatividade. Precisamos adaptar, pois uma coisa é você lecionar em um ambiente que te propicia isso, outra é ter diversas questões chamando mais atenção na internet do que a aula", o professor comenta.

Apesar de ser uma experiência nova, as adaptações têm agradado a vestibulanda Laura Sant'Ana, estudante do 3º ano do ensino médio no Colégio Adventista de Maringá (PR), neste momento tão importante da sua trajetória acadêmica. "É algo que nunca vivi, porém tem sido bom. É muito diferente. A gente tem que se ensinar a estudar sozinho. Mas os professores estão ajudando muito." São novas formas de aprender para que, mesmo em casa, a educação continue muito além do ensino. .

THIAGO BASÍLIO, jornalista e mestre em Divulgação Científica e Cultural, é editor web na CPB Educacional



A família de Izaílde Silva foi uma das mais de 660 que receberam o cartão alimentação da ADRA em Belém (PA) no período de abril a junho

RESPOSTA À CRISE

ADRA Brasil adaptou 16 de seus projetos sociais para atender os mais vulneráveis à pandemia

beleza natural dos rios

caudalosos e a riqueza

LUCIANA SANTANA

da mata amazônica contrastam com a realidade social e econômica das famílias mais vulneráveis da Amazônia. Manaus, a capital amazonense, por exemplo, está entre as metrópoles brasileiras mais afetadas pela pandemia. É nessa cidade que mora a faxineira Maria Reidiene da Silva, às margens do lago do Puraquequara, afluente do rio Amazonas. Ela divide uma casa de dois cômodos com o esposo, o pedreiro Saul Mota, e mais seis filhos. Há dois meses sem trabalho por conta do distanciamento social, o casal de autônomos tem enfrentado dificuldade até para se alimentar.

Mais ao sul do país, na capital paulista, cidade conhecida por receber imigrantes de todo o mundo, e hoje epicentro da pandemia no Brasil, é que vive a advogada Sylvie Mutiene e seus dois filhos. Em 2013, eles deixaram a República Democrática do Congo, sua

terra natal, por causa de conflitos políticos. Em São Paulo, Mutiene divide o mesmo teto com nove familiares. Antes da crise do novo coronavírus, ela trabalhava como autônoma no ramo de alimentação, mas a quarentena reduziu quase em 100% sua demanda de trabalho.

Ainda que separadas por quase 4 mil quilômetros, a realidade que une Maria Reidiene e Sylvie Mutiene é a dos impactos socieconômicos de uma grande crise sanitária. Ambas também estão sendo ajudadas pela ADRA, Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais. No Brasil, nos últimos meses, a agência humanitária da Igreja Adventista tem adapatado 16 de seus projetos para socorrer cerca de 111 mil pessoas em condições de vulnerabilidade social.

Uma dessas ações mais emergenciais é o combate à fome, por meio da doação de cestas básicas e de cartões de alimentação. A família de Maria Reidiene é uma das 750 beneficiadas pela ADRA em Manaus. "Esse cartão de alimentação veio na hora certa! Agora, pelo menos a nossa alimentação estará garantida durante três meses. Irei ao mercado escolher e comprar o que estamos precisando em casa", agradece.

De acordo com o diretor da ADRA Brasil, pastor Fábio Salles, a ONG tem priorizado seus projetos emergenciais, por mais que não tenha deixado de atuar com ações de desenvolvimento, outra área importante do trabalho da entidade. "Neste momento de crise, estamos atuando junto à população mais vulnerável do país por meio de ações emergenciais e de geração de renda (cursos profissionalizantes on-line), com vistas ao período pós-pandemia. Porém, a assistência alimentar tem sido hoje nosso carro-chefe", explica Salles. Segundo ele, a agência já distribuiu 15.756 cestas básicas e 5.252 cartões de alimentação, garantindo assim a esses beneficiários a dignidade de voltar ao supermercado e poder escolher a própria comida.

Foto: Divulgacã

ASSISTÊNCIA E GERAÇÃO DE RENDA

Do mesmo modo que Maria Reidiene, Sylvie Mutiene tem sido apoiada pela ADRA Brasil. "Temos recebido muito apoio com cestas básicas e até gás de cozinha do projeto Base Gênesis. Conseguir estabilidade no país que não é o nosso é muito difícil, principalmente agora, com a pandemia. Então, essa ajuda com alimentos tem nos mantido", reconhece a advogada congolesa.

Mutiene faz referência ao centro de influência adventista Instituto Base Gênesis, que mais recentemente passou a atuar sob o guarda-chuva da ADRA Brasil. Criado há cinco anos no marco zero da capital paulista, a Praça da Sé, o espaço é voltado para oferecer acolhimento psicossocial, atendimento jurídico e cursos de geração de renda, especialmente para refugiados. A entidade atende hoje pessoas de 23 nacionalidades e, desde o início da pandemia, tem auxiliado mais de 1,8 mil famílias.

Na Base Gênesis já eram oferecidas oficinas de costura para refugiadas. Porém, agora na quarentena e tomando os devidos cuidados, a produção tem sido direcionada para a confecção de máscaras. Mais de 6 mil unidades foram produzidas e vendidas ao Hospital Sírio-Libanês. A colombiana Esther Gonzalez, de 61 anos, é uma das beneficiadas por essa iniciativa. Até o ano passado, ela trabalhava como microempresária em sua cidade natal, na fronteira da Colômbia com a Venezuela, quando teve que deixar a região por causa da crise econômica e a instabilidade política.

Desde que chegou a São Paulo, Esther já fez o curso de português ministrado na Base Gênesis, recebeu cestas básicas e tem trabalhado também no projeto de geração de renda na área de costura. "O projeto 'Costurando Vidas' mudou minha vida e a de muitas pessoas. E agora, na pandemia, tenho o prazer de ensinar essa técnica para outros. A confecção de máscaras e aventais tem nos ajudado a conseguir uma renda nesse tempo de isolamento social. E já estamos pensando em montar um negócio mais para frente. Sou muito grata pelo apoio, respeito e carinho que temos recebido aqui", testemunha Esther, que desde os 13 anos de idade costura, pois aprendeu o ofício com sua mãe.

HIGIENIZAÇÃO E PARCERIAS

Em Roraima, a atuação da ADRA tem sido importante também na conscientização da população quanto à prevenção da Covid-19. Na capital Boa Vista, por exemplo, o projeto Wash (do verbo em inglês "lavar") tem

alcançado brasileiros e refugiados venezuelanos. "Nos últimos dois meses, diariamente, 4,5 mil pessoas são instruídas a lavar as mãos do jeito certo. Nós montamos 15 pontos de higienização próximos aos abrigos e à rodoviária da cidade", relata o pastor Arlindo Kefler, diretor regional da agência.

Outra ação que viabiliza a higienização, especialmente da população em situação de rua, é a carreta da ADRA Brasil. A unidade móvel percorre diversas regiões do país para oferecer apoio em parceria com as prefeituras locais. Em Rio Grande (RS), por exemplo, o caminhão da agência permaneceu no município por 15 dias, oferecendo diariamente 3 mil refeições e a lavagem de 350 quilos de roupa. "Fomos assistidos com carinho e eficiência. Muitos moradores de rua tiveram suas roupas lavadas. Neste momento, manter a higiene é mais do que nunca uma questão de saúde pública. Além disso, fomos ajudados com o almoço e o jantar todos os dias", informa Aline Rodrigues, líder comunitária de um bairro atendido pela ADRA.

Por sua vez, em Salvador, capital baiana, a agência humanitária da igreja tem trabalhado em parceria com a prefeitura local para garantir a segurança física de 160 moradores em situação de rua da região da cidade baixa. Um hotel foi alugado e se tornou abrigo para gente como Paulo César Lima, de 45 anos. Por causa dessa iniciativa, há dois meses, ele tem onde tomar banho, se alimentar, lavar as roupas e dormir. "Me sinto seguro aqui, principalmente agora no inverno com as chuvas. Assim estamos nos protegendo da Covid-19 e evitando mais contaminação", relata Paulo César.

Até o fim de maio, a ADRA havia ajudado mais de 280 mil pessoas em oito países sul-americanos, por meio de 53 projetos de saúde, segurança alimentar, higiene e apoio psicossocial. No total, até agora, 2,3 milhões de dólares foram destinados para a resposta à crise. Para saber mais ou doar, acesse adra.org.br. Ao redor do mundo, o trabalho da agência tem beneficiado 501 mil pessoas em 71 países (ver adra.org).

LUCIANA SANTANA é jornalista freelancer

ESTAMPE SUA CAUSA

Em maio, a empresa Ipromove (ipromove. com.br) produziu 500 camisetas e 1.000 máscaras com o logotipo da ADRA Brasil. Do valor bruto de venda desses itens, 20% serão revertidos para os projetos da agência.





Antonio Bertoli, aos 95 anos, em Olímpia (SP), vítima de AVC. Batizado em 1970, foi um dos pioneiros do



adventismo na cidade, servindo à igreja como ancião, professor da Escola Sabatina e líder do Ministério Pessoal. Sua maior alegria era ministrar estudos bíblicos. Deixa a esposa, Nanci, três filhas e um filho, seis netos e um bisneto.

Arvelino Pereira Trancoso, aos 66 anos, em Colatina (ES). Desde 1973, trabalhava como colportor,



sempre com amor e dedicação. Seu objetivo diário era testemunhar de Cristo, fazendo o possível para que Ele voltasse em seus dias. Deixa a esposa, Vera Lúcia, com quem foi casado por 39 anos, três filhos e cinco netos.

Carolina Silva Oliveira, aos 77 anos, em São Paulo (SP), vítima de infarto. Foi membro atuante



das Igrejas do Itaim Paulista e Jardim Campos, na zona leste paulistana. Destacou-se como mãe dedicada e mulher de oração. Deixa o esposo e três filhos.

Clatismindo
Galvão, aos 90
anos. Foi um dos
pioneiros do
adventismo na
Amazônia e
ajudou a fazer

a manutenção das lanchas



missionárias na região. Em 1958, foi chamado para construir a lancha Mensageiro Adventista, solicitada pelos pastores Walter Streithorst e Leo Halliwell, para o trabalho da igreja na Bolívia. No ano seguinte, foi para Belém (PA) e, junto com seus irmãos Pedro e Raimundo, construiu as lanchas Luzeiro IV e VI. Em 1970, trahalhou como missionário pelos rios paraenses e amazonenses e apoiou o ministério de muitos pastores. Em 1977, mudou-se para Manaus, onde pastoreou alguns distritos ligados a Manacapuru. Deixa a esposa, Léa Gonzales, quatro filhos e uma filha, 29 netos, 27 bisnetos e uma trineta.

Daniel Anastácio da Silva, aos 87 anos, em Campinas (SP), vítima de problema renal crônico.



Advogado, desde criança serviu ao Senhor. Gostava de ensinar a Palavra de Deus e de cantar em quartetos. Juntamente com um amigo, doutor Luiz Cietto, falecido em outubro, teve sua história de superação registrada no filme *Opostos* e no livro *Fé é a Vitória* (Unaspress). Deixa a esposa, Fátima, uma filha e três netos.

Davi Lopes
Ribeiro, aos 81
anos, em Manaus
(AM), vítima
de Covid-19.
Aposentando
desde 2004,
o pastor Davi dedicou 30



anos ao ministério adventista, trabalhando nos estados do Amazonas, Rondônia, Roraima e Acre, incluindo seis anos a bordo de uma lancha Luzeiro. Ele ajudou no estabelecimento de mais de 100 igrejas e batizou cerca de 10 mil pessoas. Em 2013 recebeu uma comenda da sede mundial da igreja por causa da relevância de seus serviços prestados. Deixou a esposa, Eunice (que faleceu duas semanas depois dele), quatro filhos e cinco netos.

Deusinha de Lima Pereira, aos 88 anos, vítima de septicemia. Foi uma das pioneiras da Igreja Central



da Ilha do Governador, no Rio de Janeiro. Deusinha também ajudou no plantio da Igreja do Galeão. Viúva, deixa quatro filhas, um filho e um neto.

Éder Bevolo Anastácio, aos 57 anos, em São Paulo (SP), apenas 17 dias depois de receber o diagnóstico de



câncer. Foi membro das Igrejas de Mirandópolis e da Central Paulistana. Serviu como ancião e professor da Escola Sabatina infantil. Sua maior alegria era conduzir pessoas ao batismo. Deixa a esposa, professora Senilvia.

Edmir de Oliveira, em Campos do Jordão (SP). Paulista de São José do Rio Preto, ele fez parte de uma família de



servidores da rede educacional adventista. Foi um educador por excelência. Ensinou, orientou e fez pensar milhares de alunos, em suas inesquecíveis aulas de História. Um dos períodos mais marcantes de seu magistério foi vivenciado no antigo IAE, atual Unasp, campus São Paulo. Líder amado e respeitado, participou das negociações e da aquisição da fazenda que hoje sedia o Unasp, campus Engenheiro Coelho, e foi o primeiro diretor dessa instituição. Edmir também trabalhou na mudança de outro internato adventista: do Instituto Adventista Paranaense (IAP) de Curitiba para Ivatuba, no norte paranaense.

Eunice Almeida Ribeiro, aos 73 anos, de morte natural. Junto com o esposo, pastor Davi Lopes Ribeiro,



com quem foi casada por 54 anos, serviu à Igreja Adventista no Norte do Brasil, incluindo seis anos a bordo de uma lancha Luzeiro. Foi uma das pioneiras dos cursos de culinária saudável em Manaus, chegando a lançar um livro com mais de 80 receitas vegetarianas. Também se destacou na visitação aos doentes e na entrega de pães aos mais necessitados. Seu hino preferido era "Em Tuas Mãos" (HASD, 480). Deixa quatro filhos e cinco netos.

Eunice Leonor de Azevedo da Cunha Morgado, aos 82 anos, vítima de Covid-19. Natural de Cuiabá



(MT), foi batizada em 1992. Eunice foi uma das pioneiras da Igreja Central da Ilha do Governador, no Rio de Janeiro. Deixa o esposo, Elcio, em idade avancada e sem filhos.

"BEM-AVENTURADOS OS MORTOS QUE, DESDE AGORA, MORREM NO SENHOR" (APOCALIPSE 14:13)

Holanda Palanicheski, aos 88 anos, vítima de infarto. Era membro da Igreja de Jardim Primavera II, em

Paranaguá (PR). Destacou-se por seu trabalho com crianças carentes.

Inácio Pereira de Souza, aos 61 anos, em Capão Bonito (SP), vítima de infarto. Era membro da Igreja



Central de Capão Bonito, onde serviu como líder do Clube de Desbravadores e ancião. Deixa a esposa, Daniele, e três filhos.

Isacc Gonçalves de Freitas, aos 57 anos, vítima de Covid-19. Natural de Duque de Caxias (RJ),



trabalhava como enfermeiro na rede pública de saúde carioca. Apaixonado por música, sempre atuou nesse ministério nas igrejas que frequentou. Era membro da Igreja Central do Rio de Janeiro, onde atuava como músico no Ministério Rio 180º e no quarteto Celebrai. Deixa a esposa, Nilvana, com quem foi casado por 34 anos, dois filhos e dois netos

José Oliveira Britto, aos 85 anos, em Campinas (SP), vítima de pneumonia.



Natural de Buritama (SP), estudou no Unasp, campus Hortolândia (antigo GAC) e São Paulo (antigo IAE). Trabalhou por 36 anos no setor do Acabamento na CPB. Era membro da Igreja de Jd. Wanderley, em Tatuí (SP). Viúvo, deixa quatro filhos (todos funcionários da Igreja Adventista) e seis netos.

Lázara Araújo Targas, aos 79 anos, em Barretos (SP), vítima de Covid-19. Conhecida pelo apelido Lazinha,



era esposa do pastor aposentado Horácio Targas, ex-servidor da Casa Publicadora Brasileira na área financeira. Além do esposo, deixa duas filhas e três netos.

Lely Fortes Mello, aos 99 anos, vítima de parada cardiorrespiratória. Natural de Palmeira das



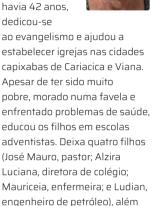
Missões (RS), foi empresária, professora e funcionária pública. Serviu na igreja como professora da Escola Sabatina, tesoureira e líder do ministério de assistência social. Destacou-se também por sua fidelidade nos dízimos e ofertas. A primeira igreja adventista da sua cidade natal foi construída num terreno doado por ela e o esposo. Gostava de distribuir folhetos para autoridades. Foi mãe dedicada, incentivou os filhos ao estudo e valorizou o culto familiar. Leu a Bíblia inteira mais de 50 vezes e intercedia nominalmente pelos membros de sua família a cada madrugada. Tinha memória privilegiada. Descansou lúcida, recitando versos bíblicos, orações e hinos. Ficou viúva por duas vezes, deixou oito filhas e dois filhos.

Manoel Henrique, aos 73 anos. Era membro da Igreja de Jardim Interlagos, em

Hortolândia (SP).



Trabalhou como colportor por 27 anos e ajudou na construção das Igrejas de Adamantina, Campos Verdes e Santa Fé. Serviu na igreja como ancião por muitos anos e ajudou em diversos ministérios. Deixa a esposa, Sirleia, um casal de filhos, três netas e dois netos Maria das Graças Barboza Ferraz, aos 76 anos, em Vitória (ES). Batizada havia 42 anos,



Maria José Lemes da Silva Machado, aos 78 anos, vítima de câncer no estômago.

de cinco netos.



Natural de Nova Aliança (SP), foi batizada em 1967. Depois de chegar à capital paulista, frequentou por 50 anos a Igreja de Santa Margarida, na zona sul, onde serviu como líder da Escola Sabatina e do Ministério Pessoal. Em 1985, trabalhou como instrutora bíblica e levou 35 pessoas ao batismo. Ao longo de sua vida, influenciou cerca de 100 pessoas a abraçar a fé adventista. Deixa o esposo, Waldecy, quatro filhos e cinco netos.

Olinda Werlich Storch, aos 95 anos, em Florianópolis (SC), vítima de insuficiência



respiratória. Filha
de pioneiros do adventismo
no Brasil. Era membro da
Igreja do Estreito, na região
metropolitana de Florianópolis,
da qual foi uma das fundadoras.
Destacou-se por servir durante
muitos anos na assistência

social da igreja e por levar diversas pessoas ao batismo. Era viúva do falecido pastor Gustavo Storch. Deixa irmãos e sobrinhos.

Romeu Egoroff, aos 89 anos, em Artur Nogueira (SP), de morte natural. Batizado

havia 40 anos e

engenheiro de



formação, foi o primeiro aluno não pastor a cursar o mestrado em Teologia na década de 1980. Na carreira profissional, Romeu se destacou por projetar o bairro Parque Ingá, em Maringá (PR), e por lecionar no curso de Engenharia Civil da UEPR.

Rubens da Costa aos 58 anos, em São Paulo (SP), vítima

em Sao Paulo (SP), vítima de Covid-19. Batizado em 1999, foi um



fiel adventista membro da Igreja da Alvorada, na capital paulista. Deixa a esposa, Marli, com quem foi casado por 31 anos, e um casal de filhos que são funcionários da Igreja Adventista.

Vera Laureano de Macedo Wohlers, aos 62 anos, vítima de parada cardiorrespiratória. Batizada



havia 48 anos, era membro da Igreja de Vila Matilde, na zona leste paulistana. Vera cursou Teologia e Pedagogia no Unasp, campus São Paulo, e trabalhou como professora de Ensino Religioso e instrutora bíblica na Associação Paulista Leste. Considerava a família seu maior tesouro. Deixa o esposo, o engenheiro Eduardo Wohlers, dois filhos e dois netos.



Pieter Bruegel, *O Triunfo da Morte* (c. 1562), Museu do Prado, Madri

ma pandemia tem o poder de mudar a rotina imediata das religiões e alterar tradições centenárias: o cristianismo fechou igrejas e celebrou a Páscoa de 2020 em isolamento; o islamismo teve que proibir peregrinações a lugares sagrados e incentivar um Ramadã privado, sem orações coletivas; líderes do judaísmo promoveram em fevereiro uma sessão de oração massiva no Muro das Lamentações pelo fim da doença. Mesmo as igrejas inovadoras, acostumadas ao uso da tecnologia, tiveram que improvisar.

Sem dúvida, a crise do coronavírus tem sido um teste para as religiões. Por definição, uma pandemia tem o potencial de causar um estrago global e ninguém está imune. Vírus não respeitam fronteiras nem credos. Mas, em longo prazo, qual seria o impacto das pandemias na história dos movimentos religiosos? Especificamente, será que as pragas tiveram influência positiva na trajetória do cristianismo?

PRIMEIROS SÉCULOS

No caso do cristianismo, sua experiência com pandemias e pragas está na pré-história e na pós-história do movimento. Para começar, a religião judaico-cristã teve origem durante as pragas do Egito (Êx 5–12), episódio que deixou profundas marcas na metanarrativa bíblica. O festival da Páscoa foi instituído para celebrar não só o fim da escravidão, mas também o livramento da pandemia controlada e direcionada, numa guerra de deuses (Êx 12:12) em que o monoteísmo venceu o politeísmo.

Depois da libertação das pragas, Yahweh Se apresentou como o Médico de Israel e prometeu livrálo das doenças que tinha enviado sobre o Egito (Êx 15:26). Foi nessa época também que Ele estabeleceu o princípio do isolamento social para certas doenças (Lv 13).

Então, no início do cristianismo, Jesus foi apresentado como a nova Páscoa, morrendo e ressuscitando para garantir a vida da humanidade. Como que numa moldura, o último livro da Bíblia apresenta uma nova sequência intensificada de pragas finais (Ap 15, 16), prometendo livramento para os fiéis (veja a matéria "Sete taças" na edição de maio).

Depois desse aspecto conceitual, veio a experiência prática. No 2º século, o Império Romano foi atingido pela chamada peste antonina (165-180), que tinha taxa de mortalidade de cerca de 25% entre os doentes e matou mais de 5 milhões de pessoas. Durante um novo surto da doença em 189, segundo o historiador Cássio Dio, morriam 2 mil pessoas por dia na capital do império. Quando a peste atacou Roma em 166, o grande médico Galeno se refugiou em sua casa na Ásia Menor, mas voltou em 168, convocado pelos co-imperadores Marco Aurélio e Lúcio Vero.

Aparentemente, ao abandonar os pacientes, ele estava seguindo a ética médica da época. Em tempos de pestilência, os médicos eram os primeiros a deixar a cidade, caso achassem que não podiam fazer nada para resolver o problema. Embora haja um debate sobre o tipo de pandemia que atingiu aquela população, pode ter sido uma infecção viral violentíssima, causando medo e turbulência no império.

O fato é que a doença ofereceu uma oportunidade para os cristãos praticarem seu discurso a respeito do amor. Convencido de que os deuses estavam enfurecidos porque os cristãos se recusavam a honrá-los, Marco Aurélio moveu uma perseguição aos seguidores de Cristo. Mesmo assim, eles assistiam os doentes. Enquanto os pagãos fugiam, eles ficavam e ajudavam. Isso criou uma boa imagem do cristianismo. Além disso, a nova religião tinha uma excelente teologia para tempos de pandemia, oferecendo esperança de rever os entes queridos no futuro e conferindo sentido para a vida em meio à crise.

No 3º século (249-262 d.C.), uma nova e misteriosa pandemia atingiu fortemente o Império Romano, matando até 5 mil pessoas por dia na capital (Roma). A doença ficou conhecida como "peste de Cipriano" porque o líder religioso de Cartago escreveu um sermão ou panfleto sobre a pandemia, fortaleceu a fé dos cristãos e promoveu uma agenda positiva em meio ao caos. Em "Sobre a Mortalidade" (Demortalitate), Cipriano se dirigiu aos que achavam que a praga estivesse sendo democrática demais, sem fazer diferença entre pagãos e cristãos, explicando que, enquanto os cristãos estiverem no mundo, estarão sujeitos à mortalidade. Num estilo sereno, ele ofereceu o conforto da verdade bíblica para fortalecer a atitude da igreja.

Os historiadores são quase unânimes em afirmar que essa pandemia, que exerceu influência na queda de Roma, ajudou na expansão do cristianismo. Os cristãos estavam presentes na hora da ausência e foram a ajuda visível diante do inimigo invisível. De acordo com Dionísio de Alexandria, ao menor sinal da doença, os pagãos abandonavam os enfermos e fugiam de seus queridos, jogando-os nas ruas. Já os cristãos, seguindo o exemplo de Cristo, mostravam grande amor e cuidado pelos doentes. "Muitos, ao cuidar dos outros e curá-los, transferiam a morte para si mesmos e morriam em seu lugar" (Letters and Treatises [Macmillan, 1918], p. 72). Além de prover água, alimentos e medicamentos para os doentes, os cristãos os limpavam e até providenciavam um sepultamento digno. Para os que haviam perdido os parentes na pandemia, eles ofereciam uma nova família.

"No calor da perseguição e da praga, Cipriano apelou para que seu rebanho mostrasse amor ao inimigo", sublinhou o historiador Kyle Harper (The Fate of Rome: Climate, Disease, and the End of an Empire [Princeton University Press, 2017], p. 156). Segundo ele, "depois que o fogo da crise se apagou, suas cinzas deixaram um campo fértil para a expansão do cristianismo." Esse é um exemplo positivo para os cristãos de hoje, que não devem ignorar o sofrimento alheio, mas mostrar solidariedade.

Para o sociólogo Rodney Stark, autor de The Triumph of Christianity (HarperOne, 2011), o serviço ao próximo foi um dos fatores decisivos para a expansão do cristianismo nesse período. "É bem plausível que o cuidado provido pelos cristãos tenha reduzido a mortalidade em dois terços" (p. 117). Além do impacto do testemunho, o cuidado que os cristãos já mostravam no dia a dia uns pelos outros ajudou no índice de sobrevivência deles, colaborando também para o crescimento do cristianismo (p. 118).

Na antiguidade, o cuidado da saúde estava principalmente nas mãos de sacerdotes e pessoas não especializadas. Se os ricos conseguiam acesso aos melhores médicos, os marginalizados tinham que se contentar com a "medicina" popular e a ajuda dos deuses. A partir do 2º século d.C., diz George Rosen no livro A History of Public Health (Johns Hopkins University Press [2015], p. 15, 16), os romanos estabeleceram o serviço médico público, inclusive com médicos municipais e ligados às instituições. Os romanos não deram grande contribuição para a teoria nem para a prática da medicina, mas foram eficientes na organização do serviço médico.

Nesse contexto de medicina ainda precária, os cristãos foram

muito úteis, e sua religião levava vantagem sobre as demais. Além disso, considerando que as doenças infecciosas geralmente têm origem nos animais, mas sua transmissão depende do fator humano, os cristãos talvez tivessem mais conhecimento prático sobre higiene, alimentação e prevenção. As leis bíblicas sobre alimentos "puros", princípios de saúde e isolamento social, quando seguidos, representavam um grande diferencial.

O cristianismo ajudou até mesmo na reconfiguração das ideias dos romanos, que na era pré-cristã adoravam a deusa da febre (Dea Febris) na tentativa de manter a malária sob controle! Isso não quer dizer que a teologia cristã da época fosse livre de erros e superstições. Seja como for, a confiança em Jesus como Doador da vida era enorme e teve impacto no pensamento popular.

FUGIR OU FICAR?

Em meados do século 14, a chamada peste negra, aparentemente causada por uma pequena bactéria (Yersinia pestis), devastou a Ásia e a Europa. O nome da doença, cujo pico de contágio ocorreu entre 1347 e 1351, se deve ao escurecimento da pele dos mortos por causa de hemorragia subcutânea. As estimativas de morte variam de 25 a 75% da população desses continentes. Entre 75 e 200 milhões de pessoas perderam a vida. Quase 70% dos estudantes da Universidade de Oxford sucumbiram. A população de Paris foi reduzida em 42%. Veneza teve uma taxa de mortalidade de 60%. Em Florença, a mortalidade chegou a 90%. Em média, as cidades levaram dois séculos para recuperar sua população pré-epidemia.

As pragas desse período, assim como em outros casos, tiveram um impacto monumental na economia, nos padrões demográficos, na estrutura das cidades, no cenário internacional, no avanço das civilizações e, naturalmente, na vida

das pessoas. Por exemplo, durante a peste que assolou a Inglaterra no século 17, tornou-se comum transferir os doentes para hospitais isolados nos subúrbios (as *pesthouses*, literalmente "casas da peste"), e muitos serviços públicos entraram em colapso. O comércio virtualmente morreu. E o mundo religioso fazia parte do epicentro conceitual da pandemia.

Entre outras coisas, a peste era atribuída "à ira de Deus, à punição pelos pecados e a uma conjunção de estrelas e planetas", registra a *Encyclopedia of Plague and Pestilence* (Facts on File, 2007, p. 32). "Fanáticos religiosos diziam que os pecados humanos haviam suscitado a pestilência terrível. Eles vagavam de um lugar para outro flagelando-se em público. Em certos lugares, a praga era atribuída aos deficientes físicos, nobres e judeus, que eram acusados de envenenar as fontes de água e eram expulsos ou mortos pelo fogo ou tortura. Havia pânico em toda parte, com homens e mulheres sem saber o que fazer para cessar a praga, a não ser fugir dela."

Para muitos estudiosos, a peste negra marcou o fim da Idade Média e abriu o caminho para a Idade Moderna. Foi uma convulsão política, social e religiosa descomunal. Isso obviamente teve impacto no cristianismo. Muitos sacerdotes morreram. A igreja teve que baixar os critérios para repor os religiosos. O próprio papa temia perder parte de seu poder. Se o fanatismo floresceu, também surgiram novas maneiras de pensar a religião. Como a peste teve muitos outros surtos, inclusive a grande praga de Londres em 1665, ela atravessou o período da Reforma Protestante.

No século 16, vários reformadores sentiram o impacto da pandemia. O teólogo Andreas Karlstadt (1486-1541), o pastor anabatista Conrad Grebel (1498-1526) e o pintor Hans Holbein, o Jovem (1497-1543) morreram em consequência da praga. Em 2 de agosto de 1527, a pandemia chegou a Wittenberg. Johann, Eleitor da Saxônia, ordenou que Lutero fosse para Jena, local para onde a universidade havia se mudado temporariamente. Ele se recusou a sair e ficou para cuidar dos doentes, o que custou a vida de sua pequena filha Elizabeth. Sua casa se transformou em um pequeno hospital. Consultado sobre a postura cristã adequada diante da pandemia, ele escreveu o panfleto "Se Alguém Deve Fugir de uma Praga Mortal". Embora Lutero protegesse a santidade da vida e sugerisse evitar o risco desnecessário, se a pessoa não tivesse uma função pública, a essência de sua resposta foi: devemos morrer em nossos postos.

Um pouco antes, em 1519, quando a pestilência atacou Zurique, Ulrico Zuínglio ficou muito doente. Apesar disso, procurou cumprir fielmente suas atividades pastorais. Surgiram até rumores de que ele havia morrido, mas sobreviveu e retratou sua experiência numa canção de 1520 sobre o Salmo 69. Ellen White relata o episódio do reformador no livro O Grande Conflito (CPB. nova edição, p. 179, 180) e destaca que essa peste proporcionou um grande impulso à Reforma, pois levou as pessoas a concluir que o perdão que haviam comprado não

A combinação entre cuidado solidário dos doentes, ensino de um estilo de vida saudável, a crença em uma metanarrativa inteligente e a pregação apocalíptica tem se mostrado o caminho de crescimento da igreja em tempos de pandemia

lhes trazia paz diante da morte. A pioneira adventista escreveu também que, após ter escapado da sepultura, Zuínglio pregou com mais fervor e um poder incomum. O povo, por sua vez, recebeu a mensagem com alegria, pois havia experimentado também o valor do evangelho, ao cuidar dos moribundos.

O próprio Zuínglio, diz a autora, havia alcançado "uma compreensão mais clara" das verdades do evangelho "e experimentado em si mesmo, de forma mais plena, seu poder renovador". E conclui: "O interesse pela pregação de Zuínglio era tão grande que a catedral não comportava as multidões que vinham para ouvi-lo."

De modo semelhante, a grande praga de Londres em 1665 transformou a mentalidade da época. "Os textos religiosos e médicos estavam entre os mais procurados nos tempos da praga", avalia Kathleen Miller em *The Literary Culture of Plague in Early Modern England* (Palgrave Macmillan, 2016, p. 214), referindo-se aos dois subgêneros literários que dialogavam entre si e passaram por grandes transformações.

NO VELHO E NO NOVO MUNDO

As pandemias, naturalmente, não ficaram restritas ao Velho Mundo. Numa comparação entre o desenvolvimento do cristianismo no Império Romano e no México colonial, Daniel T. Reff defendeu a tese de que o processo de cristianização foi parecido na Europa e na América Latina. Ambos os contextos foram marcados por epidemias e doenças infecciosas que "solaparam a estrutura e o funcionamento das sociedades pagã e indígena, respectivamente" (Plagues, Priests, and Demons [Cambridge University Press, 2005], p. 1-2).

"Tanto os pagãos europeus quanto os índios mexicanos foram atraídos por crenças e rituais cristãos porque eles representavam um meio de compreender e lidar com as doenças epidêmicas e as calamidades. As estratégias organizacionais fundamentadas na caridade e na reciprocidade implementadas pelos primeiros cristãos e mais tarde utilizadas por missionários no México também foram especialmente atraentes num contexto de profunda turbulência sociocultural."

Ao longo do tempo, no contexto de doenças, muitos milagres foram associados ao cristianismo. Raymond Van Dam sugeriu que a cura miraculosa e as noções medievais de doença e restauração ofereceram um "idioma" para que as pessoas pudessem conceituar Deus e descrever sua própria identidade (Saints and Their Miracles in Late

Antique Gaul [Princeton University Press, 1993], p. 84, 91). O cuidado, o sistema de crenças e os rituais do cristianismo eram mais eficazes para lidar com os efeitos devastadores das pandemias.

Avançando no tempo, a década de 1840 foi de grandes redefinições nas áreas científica, filosófica e religiosa. Os conceitos de saúde e doença também estavam sendo revistos. Por exemplo, foi em 1849 que um médico inglês chamado John Snow publicou um panfleto sobre o modo de transmissão do cólera em que defendeu que esse "veneno" era transmitido pela água e reproduzido no corpo. Na época, a teoria dominante dizia que a doença era transmitida pela inalação de ar sujo. Ele se tornou o pai da moderna epidemiologia. Nesse período de medicina amadora, saúde precária e busca de bem-estar, o adventismo surgiu pregando uma revolução nos cuidados da saúde.

No entanto, a igreja não ficou apenas no nível teórico. No início do século 20, a pandemia de influenza de 1918-1919, a chamada "gripe espanhola", que por sinal surgiu nos Estados Unidos, infectou cerca de 500 milhões de pessoas e matou de 50 a 75 milhões. Dentro de um ano a partir de sua identificação, o vírus ganhou uma dimensão global. Ao contrário da pandemia atual, ela vitimou muita gente jovem, às vezes causando a morte dentro de 24 horas depois da manifestação dos primeiros sintomas. Os novos meios de transporte ajudaram a espalhar a doença, assim como ocorre hoje, de modo mais acelerado, no mundo globalizado.

A Igreja Adventista também foi afetada pela crise e o isolamento, mas procurou responder com ajuda ao próximo, inclusive por meio de sua rede hospitalar. Em 11 de outubro de 1919, os líderes da sede mundial tomaram uma resolução intitulada "Organizando as Igrejas para o Trabalho de Emergência". O documentou recomendava que as igrejas fossem mobilizadas e preparadas para atender os próprios adventistas e o restante da população. E que todo esse trabalho estivesse sob a orientação dos médicos e enfermeiros adventistas (General Conference Committee Minutes, 11 de outubro de 1919, p. 412). Igreja existe também para ajudar na hora da morte.

VITÓRIA SOBRE A PANDEMIA

As pandemias do passado "são lembretes de que esses surtos periódicos de doenças terríveis são como se a natureza estivesse segurando uma espada sobre a cabeça da humanidade, sugerindo uma metáfora de batalha ou guerra", comparou Michael C. LeMay (*Global Pandemic Threats* [ABC-CLIO, 2016], p. 6). Independentemente da metáfora, esses lembretes costumam ficar gravados na memória coletiva por muito tempo; e também na memória de Deus, como mostra o evento do êxodo.

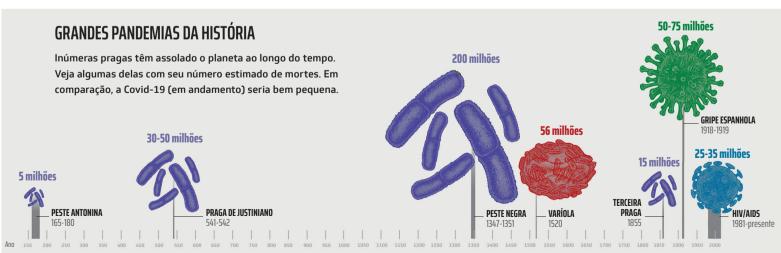
Alguém pode imaginar o Todo-poderoso em Seu palácio celestial, imune ao sofrimento do mundo, talvez até com um sorriso sádico dizendo: "Eu não avisei?" Mas esse não é o quadro pintado na Bíblia. O Deus bíblico sofre com o mundo sofredor.

Em Gênesis, Ele sofreu quando a violência dominou a Terra. No fim de Seu ministério, Jesus chorou quando pensou no destino de Jerusalém. Em Romanos 8, o Espírito geme pelas dores da natureza. No Apocalipse, Deus envia aviso após aviso para tentar livrar a humanidade das pragas finais.

Infelizmente, devido à condição danificada do mundo, grandes pandemias têm ocorrido (veja o infográfico) e continuarão ocorrendo. O lado positivo, se é que existe, é a busca maior por Deus nesses momentos. O judaísmo nasceu num contexto de pragas. O cristianismo se expandiu num mundo de pandemias. A Reforma cresceu num ambiente de epidemias. O adventismo se fortaleceu numa época de pandemias. O reino de Deus será estabelecido após a vitória final sobre as pragas.

Ao longo da história, portanto, a combinação entre cuidado solidário dos doentes, ensino de um estilo de vida saudável, a crença numa metanarrativa inteligente e a pregação apocalíptica tem se mostrado o caminho do crescimento da igreja em tempos de pandemia. Afinal, não só de máscaras vivem os homens, mas de todo o conhecimento que procede de Deus.

MARCOS DE BENEDICTO, pastor e doutor em Ministério, é o editor da Revista Adventista



Fontes: Encyclopedia of Pestilence, Pandemics, and Plagues (Greenwood, 2008); World Economic Forum e Visual Capitalist, "A Visual History of Pandemics" (bit.ly/3e8EZ0L)

MENOS SEXO

POR QUE ALGUMAS PESQUISAS APONTAM QUE OS JOVENS ESTÃO OPTANDO PELA ABSTINÊNCIA SEXUAL?

TALITA CASTELÃO

abstinência sexual parece estar em alta entre os jovens, mas isso não tem que ver necessariamente com questões morais e religiosas. Pesquisas realizadas nos Estados

Unidos e no Reino Unido indicam que os mais jovens, especialmente homens, estão fazendo menos sexo. Minha intenção aqui não é discutir os benefícios de uma vida sexual saudável nem o que diz a ética cristã tradicional sobre sexualidade, mas pensar que esse indicador pode apontar para tendências socioculturais mais abrangentes.

O Centro Nacional de Pesquisa de Opinião (NORC) da Universidade de Chicago, por exemplo, constatou que 51% dos adultos entre 18 e 34 anos nos Estados Unidos não estavam num relacionamento estável com alguém por ocasião do estudo. Isso talvez tenha contribuído para que 28% dos homens com menos de 30 anos de idade dissessem que não haviam tido contato sexual nos 12 meses anteriores à pesquisa.

De modo similar, um estudo incluindo 45 mil britânicos, de ambos os sexos, e publicado no *British Medical Journal*, em 2019, constatou

que aproximadamente um terço dos pesquisados não tinha feito sexo no mês anterior à pesquisa.

Uma explicação proposta por Simon Forrest, professor no Instituto para Saúde e Sociedade da Universidade de Newcastle, no Reino Unido, é que as pessoas estão se comprometendo em viver com alguém somente após os 30 anos de idade, ficando assim por muito mais tempo dependentes financeiramente dos pais e morando com eles. Forrest também vê influência do elevado consumo de material pornográfico *on-line*, o que aumenta a ansiedade e obsessão com o próprio corpo e torna as mulheres mais ressentidas com o comportamento de seus companheiros.

O modo de as pessoas procurarem relações duradouras também mudou. Nos aplicativos de namoro, homens e mulheres escolhem com base em critérios diferentes. Um estudo que envolveu universidades da Inglaterra, Itália e Canadá, chamado de "A First Look at User Activity on Tinder", demonstrou que mulheres são mais seletivas, enquanto os homens curtem os perfis de maneira mais indiscriminada. É por causa disso que fica mais difícil dar *match*.



MUITOS JOVENS
TÊM PREFERIDO
FICAR EM CASA DE
PIJAMA DIANTE
DE UMA TELA
A SAIR PARA
UM ENCONTRO
AMOROSO EM
QUE PODERÃO SER
MAL AVALIADOS

O antropólogo brasileiro Michel Alcoforado também entende que o uso de *apps* de relacionamento trouxe transformações para a vida afetiva das pessoas. Em entrevista a um canal no YouTube, no fim de março, ele disse que essas ferramentas funcionam a partir de metrificação, de notas de avaliação. Nesse contexto, a tendência é os usuários publicarem o que parece se encaixar no que é mais valorizado pelos outros. Ou seja, lentamente as pessoas vão se tornando um produto no "mercado dos afetos".

E a angústia desses usuários cresce quando chega o momento do primeiro encontro, porque, afinal, é preciso sustentar presencialmente aquela imagem que se "vendeu" virtualmente. Segundo Alcoforado, muitos jovens estão trocando um encontro amoroso para ficarem em casa de pijama na frente da tela, porque preferem não se expor a uma situação em que terão que dar conta de atender certa expectativa, correndo o risco de serem mal avaliados. Nessa lógica do custo-benefício, a abstinência sexual acaba sendo interessante para uma parcela deles.

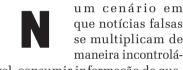
O ponto é que, se a promiscuidade é prejudicial, essa nova tendência também revela uma maior desconexão entre as pessoas.

TALITA CASTELÃO é psicóloga clínica, sexóloga e doutora em Ciências

PESQUISA APLICADA À VIDA

DUAS OBRAS INÉDITAS DÃO EXEMPLO DE COMO O CONHECIMENTO CIENTÍFICO PODE SER ACESSÍVEL E ÚTIL PARA AS PESSOAS EM SEU DIA A DIA

ALYSSON HUF



vel, consumir informação de qualidade, de fontes confiáveis, ganha muita relevância. Nesse contexto, o trabalho de pesquisa científica se torna fundamental. O objetivo de toda produção acadêmica é, em última instância, beneficiar as pessoas em seu dia a dia, onde quer que elas estejam. Por isso, todo pesquisador responsável se preocupa em tornar os resultados de seus estudos acessíveis à população em geral. Um bom exemplo disso é a recente publicação pela Unaspress de duas obras inéditas: A Ciência dos 8 Remédios Naturais e Educação e Natureza Humana.

As obras são fruto das pesquisas realizadas ou incentivadas pelos dois programas de pós-graduação stricto sensu do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp): o Mestrado em Promoção da Saúde e o Mestrado Profissional em Educação. Os organizadores de ambos os livros são professores da instituição, e os autores, em sua maioria, também. Agora, por meio da editora universitária do Unasp, as pesquisas são disponibilizadas para todos os públicos, em formato atraente e linguagem acessível.

Com 224 páginas, *A Ciência* dos 8 Remédios Naturais é organizado pelos doutores Fábio Alfieri e Gina Abdala. Os capítulos do livro foram escritos por acadêmicos



ligados ao Mestrado em Promoção da Saúde do Unasp e, como o título deixa bem claro, aborda os famosos oito remédios naturais partindo de uma perspectiva científica. Com base em pesquisas bastante consolidadas, os autores explicam os benefícios desses princípios de saúde, destacados e defendidos por Ellen White há mais de um século e que são a base do estilo de vida adventista.

A obra conta com um projeto gráfico atraente e sofisticado, privilegiando em suas páginas os espaços em que os autores dão dicas práticas de como usar ou aplicar os oito remédios no dia a dia. Ao fim do livro, o leitor ainda encontra um questionário preparado pelo mestrado, por meio do qual poderá avaliar como está sua relação com os princípios de saúde apresentados na publicação e se precisa melhorar ou investir mais em algum aspecto.

Partindo para uma direção um pouco mais conceitual, *Educação e Natureza Humana* é organizado pelos doutores Milton Torres e Gildene Silva, sendo resultado do trabalho do Mestrado Profissional em Educação do Unasp. Em suas 360 páginas, o livro explora, sob diversos prismas, uma questão fundamental para qualquer educador: a natureza humana.



Muitos filósofos e pensadores influentes opinaram sobre o que é ser humano e se existe uma forma natural de existir e viver, e nessa abrangente obra os autores discorrem sobre as ideias levantas por diversos deles, ao longo de milênios: partindo de Platão e Aristóteles, passando por Agostinho, Kant, Nietzsche e outros até chegar em nomes como C. S. Lewis, Paulo Feire, Chomsky e Derrida. Por meio da análise do pensamento dos intelectuais selecionados, constrói-se um panorama de como a natureza humana é percebida no mundo acadêmico e como isso influencia o trabalho dos educadores.

Com um design elegante e minimalista, a obra também apresenta a perspectiva de Ellen White sobre o tema, o que funciona como um interessante contraponto a muitas das ideias filosóficas não cristãs a respeito do ser humano. Por fim, o livro desperta no leitor o desejo de conhecer a si mesmo e refletir sobre a própria humanidade. Para adquirir esses e outros materiais, acesse: unaspress.com.br.

ALYSSON HUF é jornalista e editor associado da Unaspress



REPENSAR NOSSA RELAÇÃO COM A NATUREZA PODE SER UM EFEITO POSITIVO DA PANDEMIA

EFEITO POSITIVO

POLUIÇÃO DO AR DIMINUIU SENSIVELMENTE EM VÁRIAS CIDADES, MAS ISSO NÃO É SUFICIENTE PARA REVERTER AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS EM CURSO

THAMIRES MATTOS

pandemia da Covid-19
não é novidade para
quem está em contato
com o mundo real. Os
perigos dela e os cuida-

dos para se evitar a contaminação são amplamente divulgados diariamente. O momento é de tristeza pelos que descansam, de torcida pelos que lutam contra a doença e de ansiedade e medo em relação ao futuro.

Por isso, quando os canais de Veneza, na Itália, ficaram com águas cristalinas, a internet celebrou. Um tuíte viral (perdoe o trocadilho) anunciava que a ausência de grandes embarcações na cidade marcava o renascimento das belezas naturais do local. No afã talvez de receber boas notícias, muitos podem até ter acreditado na notícia falsa de que golfinhos e cisnes teriam voltado a frequentar os canais de Veneza. A informação foi desmentida pela revista *National Geographic*.

Seja como for, respirei aliviada. Em meio a tantas notícias trágicas, a natureza se renovava. Segundo matéria publicada no *site* da BBC, em 6 de maio, o congestionamento despencou em metrópoles globais, como Berlim, Londres, Milão e Xangai. E nas cidades de Nova York e Paris foram resgistradas quedas de emissão de CO₂. Seria a ausência humana das ruas, mares e ares a tão esperada mudança para evitar o colapso ambiental alertado pelos cientistas?

Infelizmente, não! Ao menos, é isso que a história recente e a ciência parecem nos dizer. Segundo a organização Carbon Brief, as emissões de gases poluentes estão diminuindo durante a "quarentena mundial". Para se ter uma ideia, somente o índice de dióxido de carbono (CO_2) deve cair de 4 a 8% neste ano. Porém, isso não é suficiente para reverter mudanças climáticas mais abrangentes que estão em curso.

Parece até pessimismo dos cientistas interpretar os dados dessa maneira. Afinal, a demanda global por eletricidade deve cair 5% em 2020, a mais baixa desde a Grande Depressão dos anos 1930; e a emissão de gases poluentes deve ser reduzida a índices mais expressivos do que os registrados na última grande crise econômica, em 2008 e 2009.

O ponto é que os esforços para reanimar a economia logo após o fim da crise dos anos 2000 intensificaram o aquecimento global também. Em 2010, no contexto da retomada, a emissão de poluentes voltou a subir 6% em relação a 2009. Assim como ocorreu há pouco mais de uma década, não temos sinais claros de que hoje governos e sociedades estejam mais preparados (e, quem sabe, até dispostos) para estabelecer medidas mais alinhadas com a preservação ambiental.

É verdade também que, na interpretação profética adventista, um colapso climático parece não se encaixar como a causa definitiva do fim. Ao contrário, cremos na intervenção divina na história humana por meio do breve retorno de Cristo à Terra. Contudo, enquanto estamos aqui, somos chamados a nos lembrar de que a mordomia cristã inclui o cuidado com a natureza. Afinal, adotar um estilo de vida sustentável tem impacto nos demais seres vivos (fauna e flora), inclusive na vida do nosso próximo.

Prova disso é que um estudo recente divulgado pela Universidade Harvard (EUA) mostrou que pessoas expostas por muito tempo à poluição do ar têm maiores chances de morrer de Covid-19. Comunidades carentes também são mais afetadas pela nova pandemia e as mudanças climáticas. Portanto, se existe um efeito positivo da crise sanitária atual é a posibilidade de repensarmos nossa relação com a natureza, e não apenas no período da quarentena.

THAMIRES MATTOS é jornalista, mestranda em Divulgação Científica e Cultural pela Unicamp e editora-chefe da revista eletrônica Canal da Imprensa Prepare-se para o maior de todos os eventos.









Cada membro do corpo de Cristo tem uma missão e um propósito.

Descubra os seus.

